

DA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO
E SAÚDE PÚBLICA

Revista do Ensino

Sumário

REDAÇÃO

Aprendendo a escrever

COLABORAÇÃO

ANTONIA CAMPOS PINTO — *Escola Nova.*

NAIR STARLING — *Na Biblioteca infantil.*

DIVERSAS PROFESSORAS — *Atividades do grupo escolar de Diamantina.*

LUIZ MELGAÇO — *Prelúdio para piano.*

TRANSCRIÇÕES

ANTONIO J. DE OLIVEIRA — *O problema da escola rural.*

LOURENÇO FILHO — *A discussão nos trabalhos de Seminário.*

THOMAS FORD — *Higiene Mental*

AD. FERRIÈRE — *A Escola de Decroly.*

Edwin R. Embree — *A educação rural nos Estados Unidos.*

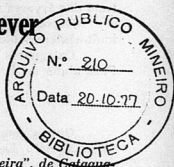
REVISTA DO ENSINO

(1.º TRIMESTRE -- 1938)

REVISTA DO ENSINO

Da Secretaria da Educação e Saúde Pública

Aprendendo a escrever



O grupo escolar "Cel. Vieira", de Cataguazes, manda-nos um punhado de trabalhos escritos, de alunos da professora do quarto ano, D. Hortência Machado, pedindo que os publiquemos "como recompensa ao esforço que revelam. São trabalhos tirados de surpresa dos cadernos de exercícios diários — e não feitos de encomenda"...

Sem serem obras primas, são, todavia, trabalhos que demonstram já poderem os quartanistas do Grupo de Cataguazes tirar da língua toda a sua utilidade instrumental, nela vasando as suas impressões, sentimentos e aspirações, transmitindo-as a outrem. Se considerarmos quanto deixa a desejar a redação, nos nossos cursos de adaptação e nos anos inferiores dos ginásios, veremos que o Grupo de Cataguazes já obtive muito, e sua diretora, como a professora Hortência Machado, têm direito aos nossos aplausos.

A PRIMAVERA

Há poucos dias fui ao cinema e apreciei muito o filme. Passaram a fita "A primavera no lago de Como". Gostei

muito porque vi muitas espécies de flores; estava no começo da Primavera.

A Primavera é a estação mais bonita do ano.

Vamos comemorar a entrada da Primavera com a festa das árvores no dia 21 de setembro.

Depois, apareceu um desenho animado, o que achei muito interessante.

Cataguazes, 12 de agosto de 1937. — Alexandrina Pais, aluna do 4.º ano.

A ESCRAVIDÃO

Ontem começamos um livro novo. Estamos na lição "Mãe Maria". Essa lição é muito triste e mostra-nos o quanto os escravos sofreram.

A escrava Mãe Maria foi vendida depois de ter trabalhado e sofrido muito. A libertação dos escravos deve ter sido um alívio para os negros. Eu gostei muito dessa lição.

Foi a princesa Isabel quem promulgou a lei que acabou com a escravidão no Brasil, no dia 13 de maio de 1888. Essa lei se chamou "Lei Áurea".

Cataguazes, 4 de setembro de 1937. — Creusa P. Martins, aluna do 4.º ano do grupo escolar "Cel. Vieira".

CARTA, DESCREVENDO UM AUDITÓRIO

Cataguazes, 18 de setembro de 1937.

Querida tia Tita.

Como vais passando?

O fim desta é descrever-te um auditório que houve em nosso Grupo no dia 14 deste.

Nós interpretamos a lição de leitura, corrigimos sentenças e, depois do canto, houve uma aula de Religião sobre a Missa. Estiveram presentes ao nosso auditório o Padre Modesto, o senhor Caetano Mauro, inspetor escolar, duas pro-

fessoras do grupo "Guido Marlière" e Mamãe. D. Clélia também assistiu à festinha.

No fim de tudo oferecemos doces às pessoas presentes. Vou terminar com um abraço.

Da sobrinha, Maria Alci.

Maria Alci Almeida Andrade, aluna do 4.º ano.

UMA AULA ÚTIL

Ontem a D. Hortência nos explicou uma lição de ciências Naturais sobre o aparelho digestivo.

O aparelho digestivo é o conjunto de órgãos que concorrem para a digestão. Os órgãos que formam o aparelho digestivo são: boca, faringe, esfago, estômago e intestinos.

A boca é uma cavidade oval que contém os dentes, órgãos da mastigação. Devemos ter muito cuidado com os nossos dentes e escová-los 4 vezes por dia. O dr. Sebastião, médico do Posto de Higiene, veio ao nosso Grupo e nos ensinou como devemos fazer para evitar certas moléstias.

Neli Bastos, aluna do 4.º ano do grupo escolar "Cel. Vieira".

11 de Agosto

Quarta-feira foi o dia dos Estudantes. Houve passeata e uma missa celebrada pelo padre Francisco. Depois da missa houve, em frente ao Colégio, um discurso pela Creusa e o outro pelo Luiz Mendes. Depois, fomos à praça Rui Barbosa, onde muitos alunos do Ginásio fizeram discursos.

Três meninos do grupo "Cel. Vieira" também falaram sobre a data. Depois, todos nós viemos para casa.

A noite houve a coroação da Rainha dos Estudantes.

Cataguazes, 12 de agosto de 1937.

Maria da Conceição Aguiar Brandão, aluna do 4.º ano do grupo escolar "Cel. Vieira".

UMA PÁGINA DO MEU DIÁRIO

Ante-ontem a Neli me emprestou um livro que se chama "Arco da Velha". Este livro contém lindas histórias. As que mais apreciei foram: "A felicidade" e "Aurélia" ou "O pássaro encantado". Gostei também de "O boi e o burro". Este livro quem o escreveu foi Viriato Padilha.

A Neli tem também "Contos da Avozinha".

A D. Iracema, bibliotecária do nosso Grupo, leu para ouvirmos a fábula "O egoísmo da onça".

A onça, matou um veadinho e trouxe para os seus filhinhos, mas não os encontrou. Ficou desesperada e começou a urrar. A anta que por ali passava, disse: "Não devemos fazer aos outros o que não queremos para nós".

Cataguazes, 12 de agosto de 1937. — Iára Magalhães, aluna do 4.º ano do grupo escolar "Cel. Vieira".

O RIO S. FRANCISCO

No dia 20 deste mês o papai vai a Belo Horizonte; êle vai ser padrinho da menina do titio Lélio. Esta menina vai se chamar Berta Lúcia.

Papai falou-me que si o batizado fosse no mês de junho êle me levaria. Ele tem vontade de me levar também em Januária, que é a sua terra natal, para eu ver o rio São Francisco, que é muito grande.

Além de Januária há outras cidades às margens do rio São Francisco, que são: Pirapora e S. Francisco.

O rio São Francisco nasce na serra da Canastra e corre de sul para o norte.

Cataguazes, 12 de agosto de 1937. — Vânia Alcântara de Matos, aluna do 4.º ano do grupo escolar "Cel. Vieira".

O CAFE'

Há poucos dias fomos à Queimada; lá é muito longe, mas fomos de automóvel. Não gosto de ir lá porque é quen-

te e há muita fumaça. Essa fumaça faz mal. Estão queimando muito café.

O campo onde queimam o café é muito grande. E' pecado queimar café. Quantos pobres ficam, às vezes, com vontade de tomar café e não o podem comprar!

Cataguazes, 20 de agosto de 1937. — Lisieux Pinheiro Costa Matos, aluna do 4.º ano do grupo escolar "Cel. Vieira".

CARTA A UMA COLEGA, FALANDO SOBRE AS FÉRIAS

Cataguazes, 10 de julho de 1937.

Querida Neli.

Como tens passado? Eu vou indo bem graças a Deus.

Venho por meio desta cartinha dar-te notícias das minhas férias. Onde foste passar as tuas férias? Eu não saí de Cataguazes, mas aproveitei bastante. Aprendi a andar de bicicleta e fiz muito exercício no jardim. Fui ao cinema diversas vezes e apreciei muito as fitas que passaram. A Cidinha também passou bastante na bicicleta da Cotinha.

Termino, enviando-te, muitos abraços.

Da colega e amiga, Terezinha.

Terezinha de Jesús Parreiras Henriques, aluna do 4.º ano do grupo escolar "Cel. Vieira".

O GATO

Ontem ganhei um gatinho rajado; êle é muito engracado e esperto.

Lá em casa já havia 2 gatinhos, tendo um deles o nome de Peti. Eles gostam de brincar juntos. Quando o gato novo vê o Peti, fica todo arrepiado; o seu rabo fica grosso e êle rosna. A's vezes um dos gatinhos está dormindo, o Peti vai devagarinho, dá um pulo, acorda o companheiro e vão juntos brincar.

Cataguazes, 18 de setembro de 1937. — Neuza Rezende, aluna do 4.º ano do grupo escolar "Cel. Vieira".

CARTA A PROFESSORA, CONVIDANDO-A PARA UMA FESTINHA

Cataguazes, 30 de abril de 1937.

Saudosa D. Sílvia.

Venho por meio desta convidá-la para uma festinha em minha casa, no dia do aniversário do meu irmão Ramon. Fazemos muita questão de sua presença. Ele vai fazer 10 anos. Mamãe vai fazer uns docinhos para ele oferecer aos seus amiguinhos. E' no dia 16 de maio. Vamos brincar muito nesse dia. Espero que a senhora não falte.

De sua aluna, Cleonice.

GONÇALVES DIAS

A nossa leitura de ontem foi sobre Gonçalves Dias.

Gonçalves Dias foi um grande poeta brasileiro, ele nasceu em Caxias, cidade do Maranhão. Estando exilado na Europa, fez uma poesia — "Canção do exílio", terminando assim:

Não permita Deus que eu morra
Sem que eu volte para lá,
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá,
Sem que' inda aviste as palmeiras
Onde canta o sabiá.

Gonçalves Dias morreu num naufrágio, ao avistar as palmeiras de sua pátria querida; o navio em que ele viajava bateu num recife e naufragou.

DESCREVER A CASA ONDE MORO

Minha casa está situada na rua Dr. Francisco de Barros, em frente do grupo escolar "Cel. Vieira". Ela é grande e muito arejada. Tem duas salas, dois quartos pequenos e um bem grande. Na sala de visitas há duas janelas que dão para a rua.

O meu quarto é muito bom; nele há a minha cama e a da Neuza.

A cozinha só tem uma janela; é muito grande. A janela do quarto de despejo dá para o bêco onde a vóvó tem os seus vasos de avencas, samambáias, bigônias, etc. Há na nossa casa uma boa instalação de água. A casa não é bonita, mas é boa.

Cataguazes, 18 de setembro de 1937. — Lenira Rezende, aluna do 4.º ano.

DESCRIÇÃO DE UM PASSEIO

Hoje, pela manhã, fui dar um passeio pela estrada e me senti muito bem. Corria uma brisa tão fresquinha que até senti frio! Apreciei tantas cousas! Vi um moinho, sobre uma ilha e, em redor, muitos patinhos brincavam sobre as águas, apresentando assim uma linda paisagem. Nesse momento veio nascendo o sol com as mais lindas cores!

Que cousa mais linda é o nascer do sol!

Fiquei tão satisfeita com o meu passeio! Quero ver se posso repeti-lo todos os dias.

Cataguazes, 12 de agosto de 1937. — Lila Leia Valverde, aluna do 4.º ano do grupo "Cel. Vieira".

~~~~~

AS COLEÇÕES dos anos anteriores da "Revista do Ensino" são vendidas a 25\$000 cada uma. Pedidos à Direção.

# Escola nova

Antônia Campos PINTO

*Este artigo foi escrito, como trabalho de composição, por uma aluna da Escola Normal Modêlo de Belo Horizonte. Revela qualidades em sua autora, que merecem estímulo, e esta a principal razão por que "Revista do Ensino" o traz para as suas páginas.*

Há quem afirme o seguinte da Escola Nova: 1) A Escola Nova cria excesso de personalidade, o que prejudica a harmonia social. 2) Na escola tradicional aprendia-se mil vezes mais. 3) O aluno tinha mais espírito de ordem e disciplina. 4) O aluno pensava mais no estudo, hoje pensa mais no auditório, festas, clubes.

Como defender a Escola Nova?

Iniciando-se a defesa, tenhamos em vista, em 1.º plano, a verdadeira concepção do que seja escola nova: Escola Nova é a escola do trabalho, da cooperação da solidariedade, é a escola que desperta na criança a iniciativa, treinando-a para a vida prática. É a escola em que os alunos querem o que fazem. É a escola em que se respeita a personalidade do aluno, que é baseada nos interesses psicológicos do educando, sendo, portanto, adaptada à natureza infantil. É a escola que visa educar a criança integralmente, sob todos os pontos: físico, moral, intelectual e social. A Escola Nova é escola ativa, é escola do trabalho, escola progressiva, escola integral, escola da cooperação, escola única.

Na Escola Nova a criança se desenvolve integralmente, e os conhecimentos adquiridos serão empregados na vida

prática, pois, um dos objetivos da escola renovada, é treinar o aluno para que ele possa agir com eficiência e vencer na vida, tornando-se um homem útil a si mesmo e à coletividade.

Portanto, quem acusa a Escola Nova demonstra não estar ciente de sua verdadeira concepção, admitindo, por ignorância idéias errôneas do que seja Escola Nova, tais como: Escola em que o aluno faz o que quer, escola da anarquia, escola em que o aluno manda e desrespeita a personalidade do mestre. Uma escola nestas condições nunca poderá ter o nome de Escola Nova.

Provando que a Escola Nova não é uma invenção dos tempos modernos, vamos voltar à antiguidade: Sumidades intelectuais e pedagógicas, sentindo a necessidade de se dar à escola uma forma atraente e interessante, batiam-se pela renovação dos processos de ensino. A Escola Nova teóricamente, já existe há muitos séculos, porém, não se havia conseguido praticá-la.

Grandes pensadores do passado se bateram pela escola-renovada, pela modificação dos métodos e processos didáticos, porque estes métodos e processos eram contrários à natureza da criança. Para iniciar, citarei *Platão*, educador grego e grande filósofo. Ele queria que as crianças aprendessem música e ginástica e depois as ciências e a matemática.

*Aristóteles* — O maior sábio da humanidade, queria que todo conhecimento ferisse os sentidos; ele dizia que a psicologia é o fundamento da educação intelectual. Ainda dizia Aristóteles: "A educação exige previamente o conhecimento dos educandos".

*Quintiliano* — Recomendava doçura em lugar de violência. Queria que se tornasse o ensino interessante: ensino indireto, intuitivo, jogos, contos, histórias. Era contra os castigos. Este educador romano queria que se estudasse a criança. Conclusão: Ele queria a escola atraente.

Já havia escola-ativa em Sócrates, progressiva em Aristóteles.

— Na Renascença surgem novos precursores da Escola Nova: Opinião de *Comenius* e *Rousseau*: “E’ preciso que a escola se volte para a criança”.

*Pestalozzi* cristalizou o sistema de *Rousseau*. Bases de seu ensino: A intuição e o amor. Educador suíço, *Pestalozzi* foi denominado o preceptor da bondade. Educador “maternal”, era este o seu lema: Intuição, intuição. A personalidade de cada criança é sagrada. E’ preciso desenvolver o espírito e a iniciativa. *Pestalozzi* foi contra os prêmios e castigos. Bateu-se pela escola e pela bondade. E’ o mais amável de todos.

*Maria Montessori* adotou sistemas modernizados de ensino nos jardins da infância.

*Sanderson* condena os castigos, desenvolve os sistemas educacionais.

Com *Jean Jacques Rousseau* aparece a Escola Nova. *Ferrière*, denomina-a escola ativa. *Anísio Teixeira* — Escola Progressiva e outros, finalmente, Escola Integral.

Pioneiros da Escola Nova: Dr. Decroly, D. Bovet, B. Ensor, Dr. Eduardo Claparède, Gehveb, Dr. Ad. Ferrière.

*Sanderson* batia-se pelo trabalho, pela colaboração, pela liberdade, das crianças.

*Lourenço Filho* — Escola de Projetos. *Anísio Teixeira* — Escola Progressiva. c

Metodologia e Teoria de Escola Nova: Atividade e programa: — M. Montessori, Decroly e Dewel, Maria Montessori recebeu as idéias elementares dos grandes defensores da liberdade e do respeito à criança. Rabelais, Rousseau, Froebel. Trabalho em grupo, coletivo; o professor intervem o menos possível. O seu papel é de guia. O material Montessori é excelente. Ela escreveu sua didática em numerosos volumes. *Decroly* — Escola para a vida — A criança é o motivo central. Centros de interesse. Decroly morreu moço, porém, consagrado. Palavras dele: “A educação na escola se resume numa fórmula breve: deve ser o “noviciado” da sociedade”.

*Tolstoi* — Filósofo e pedagogo russo, manifestava-se contra a disciplina imposta. Não se deve impôr método. O método será elaborado pelo próprio aluno. Fundou uma escola experimental onde ensaiou a original doutrina pedagógica. Não queria artifícios nos métodos de ensino.

Michelet dizia de *Comênus*: “E’ o primeiro evangelista da pedagogia moderna”. *Comênus* escreveu notáveis obras de educação.

*Rousseau* — Sua obra educacional se acha no “*Emílio*”: “Aprende-se espontaneamente, brincando, sem gramática, sem pancada”. “Respeitai a infância”, diz *Rousseau*. *Emílio* é um tratado de pedagogia. *Rabelais* zomba dos métodos da Escolástica em “*Gargântua e Pantagruel*”. *Gargantua*, depois de 20 anos de escola, sai sabendo tudo de cor. No entanto ficára bôbo, apalermado. Nada lhe aproveitava. Culpa da má educação. E’ preciso estudar o aluno. E’ necessário dar-lhe jogos, ensino intuitivo, ferindo os sentidos.

*Montaigne*, em seu tratado de educação “*Ensaios*”, fala sobre a disciplina do amor e, depois, do desejo de estudar. *Erasmus* deixou belos preceitos educacionais.

*Rabelais* — Fez crítica dos métodos e processos educativos da escolástica, criticando a rotina. As idéias modernas na educação são baseadas nessa crítica.

O acusador da Escola Nova que estude com atenção todas as obras pedagógicas acima citadas, chegará à conclusão de que a única escola que preenche as condições mencionadas, principalmente a primordial, reclamada por todos os educadores — o *conhecimento indispensável da natureza da criança*, — outra não será senão a Escola Nova.

“A Escola nova é a educação moderna, erigida diante da educação medieval”.

Escola Nova não é absolutamente invenção dos nossos dias. A Escola Nova foi idealizada pelos educadores antigos, medievais, e os educadores contemporâneos vieram aperfeiçoá-la e realizá-la.

Escola Nova é o resultado dos esforços supremos dos educadores de todos os tempos que sentiram a necessidade



que tornar a escola atraente, agradável, baseando-a nos interesses psicológicos da criança. Sentiram a necessidade de uma escola onde a liberdade do aluno fosse observada, onde se respeitasse a personalidade da criança. Uma escola que se adaptasse à natureza infantil, onde o aluno pudesse manifestar livremente suas tendências, virtudes e defeitos, para melhor ser educado. Uma escola que educasse o aluno integralmente, que desenvolvesse a sua iniciativa; uma escola onde fossem aplicados os jogos, onde o aluno aprendesse a pesquisar e não recebesse conhecimentos diretamente do mestre. Escola sem prêmios e sem castigos corporais. E a escola que preenche todas essas condições é, sem dúvida, a ESCOLA NOVA.

“A escola limitada às atividades das aulas, às normas dos planos de estudo das matérias, ao conceito tradicional de seu papel de guia intelectual, não poderia desempenhar as suas funções, pois, as horas de estudo são apenas uma parte diminuta do tempo do educando. O conceito atual que pretende substituir a criança ao programa, como centro das atividades escolares, não admite seja tido como extra-curricular o que se passa fora da sala de aula.

Enquanto se acreditou correntemente que educação era sinônimo de instrução e que era mais educada a pessoa que mais sabia, não era possível ter uma noção exata do valor educativo das atividades fora da sala de aula. A memorização e a disciplina formal que daí resultaram, foram um grande progresso na história da humanidade, antes da descoberta da Imprensa, quando os livros eram manuscritos e raros, e que tinham de ser retidos de cór. O bom cidadão não é mais, em consequência, o que mais sabe, é o que, sabendo melhor, age melhor. O que o indivíduo faz tem mais importância do que o que ele sabe. Para fazer e fazer bem é necessário ter adquirido bons hábitos pela prática. Para isso o educando, precisa ser levado a ter consciência, a se propôr ideais e padrão de ação por meio de ocasiões de agir e de se manifestar. E' nas atividades extra-classe principalmente que se oferecem as oportunidades de praticar os atos que constituem o bom cidadão.

Nós, no Brasil, ainda não temos a verdadeira escola-ativa. As nossas escolas ainda não atingiram a significação de escola-ativa, na sua alta concepção, porém, caminham para atingi-la. Caminhamos para esse objetivo como para um grande ideal. Não nos faltam educadores dedicados, professores habilidosos e inteligentes, capazes de realizar esse formoso sonho de transformação do nosso aparelho educativo.

Fiz uma defesa geral, agora passarei a defender a Escola Nova, pelos ataques já mencionados no início do presente trabalho.

1.º) *A Escola Nova cria excesso de personalidade que prejudica a harmonia social.* — Isto acontecerá se professores e crianças tiverem uma idéia errônea do que seja liberdade, como tem acontecido. Há crianças que pensam que escola-ativa é aquela onde o aluno manda e desmanda, faz o que quer, desprezita o mestre. Cumpre à professora tirar da mente infantil essas idéias absurdas. Na Escola Nova o aluno “quer o que faz”, que é completamente diferente de fazer o que quer. O mestre será respeitado, haverá disciplina, não a formal, porém, aquela nascida do fruto do trabalho e da organização perfeita da escola.

Só um professor sem personalidade concorrerá para que se crie na criança o excesso de personalidade.

2) *Na escola tradicional aprendia-se mil vezes mais.* — Não é verdade, e quando o aluno abarrotava o cérebro de conhecimentos transmitidos pelo mestre, não sabia se utilizar deles na vida prática. Há alguma vantagem nisso? Rabelais em seu livro Gargantua fala que esse aluno sabia gramática e dicionário de cor, entretanto fracassava na vida prática. A Escola Nova desenvolve a iniciativa do aluno, treina-o nas pesquisas. A criança sai da escola apta a vencer na vida, a saber como agir para resolver os diferentes problemas que a vida futura lhe oferecerá.

A criança da escola tradicional era incapaz de ter uma iniciativa própria, e, em face de uma circunstância nova, saber como agir para vencer as dificuldades. Era um

sêr passivo que recebia conhecimentos sem saber aplicá-los convenientemente. Apelava-se mais pela memória e a inteligência continuava adormecida, sem exercícios que a desenvolvessem e apurassem.

3) *O aluno tinha mais espírito de ordem e disciplina.* — Não é verdade, porque a criança assim procedia com medo da palmatória do mestre, horror aos castigos, ambição aos prêmios. A disciplina era exterior, aparente. As suas atitudes eram quietas, porém, as suas faculdades psicológicas não estavam trabalhando. A disciplina imposta, formal, é anti-pedagógica, contra a natureza infantil. Imagine-se uma criança, durante 4 horas, quietinha, em silêncio, de braços para traz! Isso é um absurdo! A criança tinha aversão à escola e ao mestre, com raras exceções. O menino estudava contrariado, ao passo que na Escola Nova, é estuda por prazer, sente a necessidade de aprender, tem ância pelo saber. As aulas são interessantes e de acôrdo com seus interesses, e a disciplina virá como consequência do trabalho ativo e o senso da responsabilidade: disciplina interior unida à exterior.

4) *O aluno pensava mais no estudo, hoje pensa mais no auditório, festas, clubes.* — Pensava mais no estudo porque a isso era obrigado (com raras exceções) pelo temor aos castigos ou ambição dos prêmios. Hoje o aluno pensa no auditório, festas, clubes, porque é justamente nestas atividades que êle tem oportunidade de se desenvolver, física, social, moral e intelectualmente. No que se refere à parte social, as atividade acima citadas, têm por objetivo a socialização da criança. São abundantes os benefícios do auditório, das festas, e dos clubes. Não há inconveniente que as crianças se entreguem a essas atividades, de coração, com todo o entusiasmo.

Trabalhando assiduamente em um clube quer seja de leitura, agrícola, etc., a criança lucrará muito mais do que estudando na escola tradicional, que nem idéia faz do que seja um clube agrícola, ou de leitura. O auditório e as festas também têm suas finalidades e são muito importantes. As

crianças da escola tradicional são geralmente muito tímidas, não têm coragem de tomar parte em uma festa, falar em público, porque justamente faltaram nas escolas — o *auditório* e as *festas escolares* — oportunidades estas em que as crianças podem se desenvolver socialmente. Uma criança da Escola Nova tem iniciativa, sabe organizar, sabe cooperar, sabe agir.

Um aluno da escola tradicional será capaz disto?

ANTÔNIA CAMPOS PINTO

## TABELA DE ANÚNCIOS:

|                         |          |          |
|-------------------------|----------|----------|
| Na capa (lado externo), | 1 página | 100\$000 |
| » » » »                 | 1/2 »    | 60\$000  |
| » » » »                 | 1/4 »    | 35\$000  |
| » » (lado interno),     | 1 »      | 80\$000  |
| » » » »                 | 1/2 »    | 50\$000  |
| » » » »                 | 1/4 »    | 30\$000  |
| Em páginas-suplemento,  | 1 »      | 60\$000  |
| » » » »                 | 1/2 »    | 40\$000  |
| » » » »                 | 1/4 »    | 25\$000  |

Para publicação por 3, 6, 9 e 12 vezes, haverá desconto de 10, 20, 30 e 40 por cento, respectivamente.

Os anúncios no corpo da Revista, em forma de artigos, e os anúncios a côres pagarão preços especiais previamente combinados.

Todo pagamento será feito adiantadamente

# Na Biblioteca Infantil

Nair STARLING

Passando-se algumas horas na biblioteca do grupo "Alexandre Drumond", observando-se o movimento da mesma, faz-se a idéia real do valor e do progresso de nosso ensino. As crianças procuram-na para colher informações, desenvolver projetos, solucionar problemas surgidos em aula, ler histórias e poesias, etc. Adquirem mesmo o hábito da frequência à biblioteca. Privá-las dessa atividade será castigá-las severamente! E' encantador o aspecto das crianças no momento da leitura: dominadas por vivo interesse, permanecem imóveis, silenciosas, atentas.

## PALESTRANDO COM AS CRIANÇAS

Palestrando com as crianças sobre os livros que mais apreciam, colhi o seguinte: Não gostam:

- a) de livro muito grosso, isto é, muito volumoso;
- b) de livros sem ilustração;
- c) de livro de letrelinha junta e pequena. Gostam:

a) de livro "gosado" como o de Juca e Chico e Os três porquinhos;

b) de história de fada e de aventura;

c) de livro engraçado e com histórias "que a gente entende";

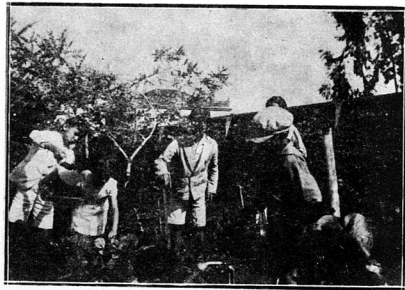
d) de história mais longa, "história grande" e não de contos ligeiros, porque são sempre "chocos", isto é, sem graça.

Sobre o livro "Garotadas" disse-me um aluno:

"E' o livro de verso melhor que eu conheço! A poesia mais "gosada" é uma que começa assim:



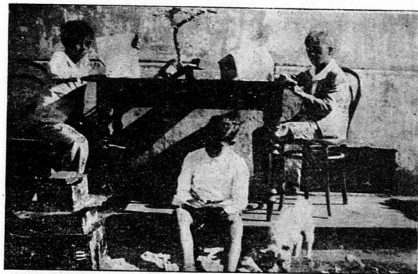
Grupo Escolar de Muzambinho — Uma parte do terreno do Club Agrícola, onde se vê a plantação de cana de açúcar



Grupo Escolar de Muzambinho  
Sócios do Club Agrícola irrigando um canteiro de repólhos



Grupo Escolar Bueno Brandão  
Trabalhos-Plano: O Japão — 4.º ano A e B



Grupo Escolar Bueno Brandão  
Desenho: Plano sobre o Japão — 4.º ano A e B  
( 18 — B )

Tatá, Teté, Titi,  
Toló, Tatú, Tatão,  
Encontraram por aí  
Um reluzente tostão!

Depois de recitar esta quadrinha, a criança exclamou, com prazer imenso: Poesia GOSTOSA esta!"

Há livros que já estão velhinhos... velhinhos! São os mais queridos, como: Zé Macaco e Faustina, Juca e Chico, Pinoquio, muitos da coleção de Monteiro Lobato, Arnaldo Barreto, Viriato Correia, etc.

#### LENDO E RELENDO AS FICHAS

A criança, após a leitura de uma história, conto ou poesia, preenche uma ficha deixando, assim registrada sua impressão.

É a seguinte a usada atualmente no "Grupo Alexandre Drumond":

Grupo.....  
Título do livro.....  
Nome do autor.....  
Edição, comp. editora.....  
N. de páginas....  
Nome da história.....  
Apreciação....  
Data.....  
Assinatura....

Ler e reler as fichas constitui momentos de verdadeiro prazer. Com toda sinceridade as crianças deixam, na ficha, sua apreciação. Às vezes lacônica, às vezes descendo a pormenores, mas todas cheias da mais encantadora espontaneidade, que enternece a alma, sempre sensível do professor.

Vejamos o que registram algumas fichas:  
Grupo Escolar "Alexandre Drumond"  
Título do livro: Perereca, a leiterinha.  
Nome do autor: Jordic

C. editora: Livraria Garnier, Rio de Janeiro.

N. de páginas: 16

Nome da história: Perereca, a leiterinha.

ombro de Perereca. Ela gritou: Socorro!! Socorro! Acode!

Data: 23 de julho de 1937

Nome da aluna: Izabel Andrade, 3.º ano.

Grupo Escolar "Alexandre Drumond"

Título do livro — Juca e Chico

Autor — Busch

Edição — 6.ª

N. de páginas — 56

Nome da história — Sexta travessura

nos foram enrolados como pão.

Data — 21 de maio de 1937

Aluna — Izabel Andrade.

Grupo Escolar "Alexandre Drumond"

Título do livro — Zé Macaco e Faustina

Autor — A. Storni

N. de páginas — 48

gaio

Apreciação — Eu gostei muito da história. Ela é muito bonita e engraçada, porque um amigo de Zé Macaco foi visitá-lo, veio da roça e o papagaio começou a chamar o homem de cara de cachorro.

Data — Belo Horizonte, 21 de maio de 1937

Nome do aluno — Expedito Pereira de Jesús.

Grupo Escolar "Alexandre Drumond"

Título do livro — Zé Macaco e Faustina

Autor — A. Storni

N. de páginas — 48

Nome da história — Zé Macaco compra um papagaio

Apreciação — Engraçada

Data — 11 de maio de 1937

Aluna — Izabel Andrade.

Grupo Escolar "Alexandre Drumond"

Título do livro — Os últimos empregos de Maria dos Tamancos

Autor — Jordic

C. Editora — Livraria Garnier — Rio de Janeiro.

N. de páginas — 16

Nome da história lida — Os últimos empregos de Maria dos Tamancos

Apreciação — A parte que eu mais gostei foi quando a tia Amidão volta para ver se o trabalho ia bem.

— Puanh! que cheiro de roupa queimada!

— Aproxima-te, desgraçada! Tu me pagarás! Descontarei nos teus salários. E como está enfurecida a tia Amidão e tem a mão leve, as bofetadas chovem: um, dois, um, dois!

Data Belo Horizonte, 23 de julho de 1937.

Aluno — Américo Ribeiro.

Grupo Escolar "Alexandre Drumond"

Título do livro — Novos contos de Andersem

Autor — Andersem

Edição — ...

N. de páginas — 118

Nome da história lida — O soldadinho de chumbo

Apreciação — Muito bonita, por causa do soldadinho que caiu no mar e também por causa dos peixes.

Data — 11 de maio de 1937

Nome do aluno — Américo Ribeiro.

Como se acaba de ver, o uso de fichas, para controlar a leitura, traz ótimos resultados e, pela simplicidade da organização, pôde ser introduzida em qualquer escola, por mais pobre de recursos que seja.

A biblioteca precisa crescer constantemente para que os alunos tenham sempre material novo satisfazendo-lhes o interesse. Julgo imprescindível assinatura de jornais e revistas infantis: neles sempre existem, anexo à leitura, muito salutar, problemas, perguntas, charadas, adivinhações, cartas enigmáticas, etc., que impelem o aluno às pesquisas, ao raciocínio, aos comentários e estudo espontâneo de questões de real valor. Julgo, também, indispensável a seleção rigorosa dos livros. A criança precisa ler, ler muito, porém apenas livros que auxiliem, que cooperem na formação de sua personalidade. É um grande dever das diretoras e bibliotecárias cristãs afastar, da biblioteca, todo e qualquer livro que possa infiltrar, na alma da criança, idéias que não se casem aos nossos princípios sociais e religiosos.

A comissão, criada pelo ministro Gustavo Capanema para organizar uma lista das melhores obras de literatura infantil, recomenda, entre outros, os seguintes livros:

Monteiro Lobato — Fabulas e D. Quixote das crianças.

Viriato Correia — Meu torrão e História do Brasil para crianças.

Gondim da Fonseca — Contos do país das fadas.

C. Brndenburger — Lendas dos nossos índios.

Olga Ferras Kehl — Uma história verdadeira.

Paulo Ribeiro de Magalhães — História do mato virgem.

Oswaldo Orico — Histórias de Pai João.

Erico Verissimo — Os três porquinhos.

Collodi — Pinoquio, trad. de Mary Baxer Lee.

P. L. Stevenson — A ilha do Tesouro, trad. de Pepita Leão.

Johana Spyri — Heidi, trad. de Pepita Isaac.

Guilherme Hauff — Contos orientais, trad. de Lina Hirach.

Julia Lopes de Almeida e Afonso Lopes de Almeida — A arvore.

Andersem — Contos, trad. de Monteiro Lobato.

Grim — Contos, trad. de Monteiro Lobato.

OPINIÃO VERBAL DE ALGUMAS CRIANÇAS SOBRE VÁRIOS LIVROS RECOMENDADOS

D. QUIXOTE DAS CRIANÇAS — "Gostei demais, fiquei pensando naquilo tudo uma porção de tempo: na lança, no Sancho, no cavalo... fiquei com mais pena foi do cavalo, coitado..."

UMA HISTÓRIA VERDADEIRA — "É muito bonito o livro porque fala de Deus; eu gosto de toda história em que entra o Menino Jesus."

PINOQUIO — "A gente não cansa de lêr êsse livro... quando o tempo acaba eu fico com pena de deixar o "Pinoquio"!"

FABULAS -- "Tem cada historiazinha "gosada"! Uma do pé de jaboticaba eu achei ótima!

OS TRES PORQUINHOS — "Essa história está até boa para a gente dramatizar, heim? Num minuto a gente ensaiava... vamos dramatizar os três porquinhos?"

Haverá melhor atestado do valor de um livro infantil que o passado pela própria criança?

NAIR STARLING

Toda correspondência para esta publicação deve ter êste endereço: "Revista do Ensino".  
— Secretaria da Educação.

2A

# Atividades do Grupo Escolar de Diamantina

A exemplo do que tem acontecido em vários estabelecimentos de ensino do Estado, o Grupo Escolar de Diamantina se tem destacado no empenho de renovar os seus métodos e processos de ensino, vitalizando a escola, integrando os alunos no ritmo de trabalho dos professores, fazendo-os elementos ativos no processo da aprendizagem.

Ao Corpo Técnico da Secretaria chegou, obedecendo a preceito regulamentar, o relato das mais interessantes atividades que ali se têm realizado.

Trasladamolo para aqui, dando publicidade ao esforço das preceptoras diamantinas, que, resentindo-se, embora, de algumas imperfeições, mostra pelo menos o louvável empenho de melhorar, experimentando, verificando e corrigindo.

## O ESTUDO DE FRAÇÕES ORDINARIAS NO 3.º ANO

(Classe da professora Maria Cecília Corrêa Mourão)

Desde o 1.º ano já venho praticamente familiarizando os alunos com o conhecimento de frações; no 2.º ano foi êle mais desenvolvido, de modo que compreendem perfeitamente o que representa uma parte qualquer do inteiro dividida em frações ordinárias ou decimais.

Até hoje não me referi aos nomes *numerador* e *denominador* e nem dei regra alguma para a resolução dos problemas que os alunos têm resolvido.

No princípio as frações eram somadas como se fossem inteiros.

Exemplo:  $\frac{1}{4}$  com  $\frac{2}{4}$  com  $\frac{3}{4}$  como se o quarto fosse uma laranja, por exemplo, com 2 laranjas, com 3 laranjas.

Eu dividia folhas de papel em quartos, e dava a um aluno

um quarto, a outros 2 e 3 e 5, etc.; êles somavam esses quartos da mesma forma.

Sempre esses exercícos eram orais e concretizados.

Depois foram dados em grupos, para que os alunos não tivessem a idéia da fração ligada à fruta ou à folha mas relacionada, não só como parte da unidade, como também como parte de uma coleção.

Agora já vou iniciando, no 2.º semestre, as operações com frações e exercícos escritos, tendo o seu suporte nos orais já feitos muitas vezes.

Nesses exercícos uso sempre números mixtos, para tornar mais compreensível a fração.

Como tenho tido necessidade de partir folhas de papel em diversas partes para exercícos de linguagem escrita, aproveito sempre a oportunidade para dar somas de inteiros, com meios, quartos, oitavos, e depois com quintos e decimos.

Essas frações complexas são somadas, valendo-se os alunos da equivalência, em que se exercitam sempre que precisam.

Tomou, por exemplo, meia folha de papel e divido-a em 2 quartos, e faço que notem que, embora dividida, equivale a um  $\frac{1}{2}$  da folha.

Fazemos até na ocasião um exercíco assim:  $\frac{1}{2} \frac{3}{8} \frac{1}{4}$ , etc., para os alunos procurarem os numeradores, de modo que essas frações sejam todas iguais.

Para aproveitar as conexões já formadas, para novos conhecimentos, como nos ensina um princípio de metodologia, tenho dado as somas de frações na forma vertical. Ex.:

$$\begin{array}{r} 2 \frac{3}{4} \\ 3 \frac{1}{2} \\ 5 \frac{2}{4} \\ \hline 11 \frac{3}{4} \end{array}$$

O aluno soma a coluna das frações dizendo: 3 quartos com 1 meio, que é equivalente a 2 quartos, são 5 quartos, com mais 2 quartos, 7 quartos. Sabemos que 7 quartos contém um inteiro, que são quatro quartos, e mais três quartos. Escreve os  $\frac{3}{4}$  de baixo da coluna das frações e leva o inteiro, que soma com os 2, 3 e 5 fazendo 11, que escreve também debaixo da coluna

dos inteiros. Os alunos já somam sem dificuldade quartos, com meios, com oitavos, e décimos com quintos. Iremos continuando os exercícios com terços, sextos, nonos, e depois de mais práticos faremos as somas com frações complexas mais difíceis.

As subtrações de frações são feitas também em colunas como nos inteiros, aproveitando os conhecimentos já adquiridos, fazendo a equivalência das frações. Para o caso das frações

por exemplo:  $3 \frac{1}{2}$

—  $1 \frac{3}{4}$  o aluno vê que de  $\frac{1}{2}$  ãle não pôde tirar  $\frac{3}{4}$  mas ãle tem 3 inteiros dos quais tira uma unidade e transforma o resto 2 inteiros em quartos  $\left(\frac{4}{4}\right)$ , que somados a  $\frac{1}{2}$  ou  $\frac{2}{4}$  (que ãle já sabe ser a mesma cousa) ficam  $\frac{6}{4}$ , dos quais tira os  $\frac{3}{4}$  e o resultado é  $1 \frac{3}{4}$ .

Outro exemplo:  $5$   
—  $1 \frac{1}{2}$

O aluno não tem na coluna das frações um minuendo; ãle tirado n.º inteiro 5 e faz como no 1.º caso.

As subtrações e somas vão sendo dadas conjuntamente com as multiplicações e divisões, mas em exemplos sempre concretizados.

A importância desse método é a compreensão que o aluno tem do que está fazendo.

As multiplicações também fazem-se por coluna.

$$3 \frac{1}{2} \times 5 \frac{1}{4}$$

Dizemos: tomando  $\frac{1}{4}$  de  $\frac{1}{2}$  teremos  $\frac{1}{8}$

do inteiro (faz-se com papel); tomando  $\frac{1}{4}$

Escrevemos assim:

$$3 \frac{1}{2}$$

$$5 \frac{1}{4}$$

$$\frac{1}{8}$$

de 3, teremos  $\frac{3}{4}$  (faz-se com papel).

Passando ao número 5, temos: 5 vezes  $\frac{1}{2}$

são  $2 \frac{1}{2}$ ; 5 vezes 3 são 15 e vamos es-

$$\frac{3}{4}$$

$$2 \frac{1}{2}$$

$$\frac{15}{18 \frac{3}{8}}$$

crevendo esses produtos uns abaixo dos outros. Para somar, o aluno ajunta  $\frac{3}{4}$  com  $\frac{1}{2}$  já transformado mentalmente em  $\frac{2}{4}$  e terá  $1 \frac{1}{4}$ . Um quarto são 2 oitavos, com  $\frac{1}{8}$  (1.ª parcela), fazem  $\frac{3}{8}$  que escreve abaixo do traço, na coluna das frações, e leva o inteiro para somar com o 2 e o 15, fazendo ao todo  $18 \frac{3}{8}$ .

A vantagem dessa forma é aproveitar o que o aluno já aprendeu no caso dos números inteiros. Só empregamos denominadores, por enquanto, pequenos: meios, quartos, oitavos. Todos os exercícios são dados por meio da equivalência de frações. Quando os alunos as souberem bem, ensinarei o outro processo, por ser mais rápido, deixando-os porém, escolher o que quiserem.

Divisão de inteiro por uma fracção:  $2 \div \frac{1}{4} = 4$ . O menino recebe 2 folhas de papel para dar aos colegas meia a cada um e vê a quantos dá. Dividindo-as ao meio e dando a 4 meninos, ãle verifica que  $2 \div \frac{1}{2} = 4$ , um número maior do que o dividendo, e ãle compreende muito bem.

Dividir uma fracção por outra (por enquanto só com numeradores iguais):  $\frac{3}{4} \div \frac{1}{4} = 3$  O aluno toma  $\frac{3}{4}$  de uma folha de papel e dá  $\frac{1}{4}$  a cada colega e vê que 3 meninos recebem  $\frac{1}{4}$ .

Divisão de uma fracção por um inteiro.



Para começar, dividimos  $\frac{1}{2}$  por 2, 3, 5, etc., praticamente, repartindo meia fôlha de papel para tantos alunos.  $\frac{1}{2} \div 2 = \frac{1}{4}$  (metade de meio)

$5 \div \frac{2}{3}$ . Objetivando-se, isto é, dividindo-se 5 fôlhas de papel em três, e dando  $\frac{2}{3}$  a cada aluno, é fácil vêr que

$5 \div \frac{2}{3} = 7 \frac{1}{2}$ . Meio de  $\frac{2}{3}$  é  $\frac{1}{3}$ , isto é, 7 alunos recebem cada um  $\frac{2}{3}$  e no fim ainda sobra um pedaço de  $\frac{1}{3}$ .

A divisão de frações heterogêneas ficará para o 4.º ano. Penso que continuando êsse método, terei brevemente os alunos treinados em todos os exercícios sobre frações ordinárias, para cuidar com especialidade do estudo das frações decimais.

(Plano geral realizado na classe do 1.º ano, regida pela professora Maria Natalina de Oliveira Santos)

Assuntos que, em geral, servirá de ponto de contacto das diferentes matérias: "CABELINHO DE OURO" E OS TRÊS URSOS", do "Pre-livro" adotado.

#### Tópicos a desenvolver:

a) Os brinquedos de Bebê (personagem do "Pre-livro") e dos alunos, explorando-lhes os interesses, verificados por meio de conversas, histórias e sonhos que contam, brincos que fazem no recreio, jogos que usam em casas e suas atividades, observadas, dentre estas, as predominantes — como orientação dos trabalhos da classe, sem descuidar do programa de cada matéria;

b) Os alimentos de Bebê, os de Cabelinho de Ouro, os dos ursos: do urso pequeno: idéia de mamífero; do urso médio: comparação como desenvolvimento de um gatinho;

do urso maior: seu "habitat", seu alimento, sua coragem; histórias de crianças, de ursos e de outros animais, etc.;

c) Desenvolver o "pensamento" e a linguagem, nos tópicos anteriores, por meio da observação e de atividades que, sendo reais para a criança, levem os alunos a falar e a adquirir lógica do pensamento — base para uma linguagem correta;

a) Educador, sempre aproveitando todas as oportunidades que surgirem, no decurso das lições ou não, tendo em vista que, qualquer que seja o aspecto da educação em mira, o problema se resume num único: "formação de bons hábitos", em classe, no recreio nas diversas dependências do Grupo Escolar, em casa, na rua, na igreja, no cinema, etc. tudo baseado no "aprender a fazer, fazendo" da Escola Nova.

MOTIVAÇÃO: — Partindo do princípio, segundo o qual "a criança não trabalha espontaneamente, senão quando um interesse ou uma necessidade a leva a isso", é absolutamente necessário MOTIVAR cuidadosamente o trabalho escolar. Dar, portanto, aos alunos, atividades que visem um fim que eles "desejem" previamente atingir ou que, pelo menos, lhes dêem alguma capacidade que eles *queriam* possuir. Pela participação satisfeita dos alunos nos trabalhos, isto é, por uma participação ativa e interessante, é que se avaliará sempre se o que os alunos fazem corresponde às suas necessidades e interesses. Em suma, é pela concentração de corpo e de espírito, ambos absorvidos no trabalho, que se poderá verificar se está ou não adequado à classe êsse trabalho que, no caso afirmativo, será incentivo à aprendizagem, inspirando ao aluno vontade de agir de aperfeiçoar-se e de triunfar.

Na motivação, haverá a preocupação de tomar toda situação *problemática*, isto é, todo o ensino deve partir de uma experiência ou dificuldade que provoque a curiosidade e a atenção, e estimule o pensamento do aluno. Em vez de dizer: "Vamos estudar isso ou aquilo", ter o cuidado de apelar para a experiência infantil. Em lugar, por exemplo, de passar da lição de leitura para a de ciências naturais, avisando aos

alunos que o que vão fazer é atividade de outra matéria, irei ligando um assunto a outro já conhecido, por aprendizagem dentro ou fora da escola, provocando uma pequena discussão em torno do assunto do dia. Tendo por base um conhecimento que de fato é dos alunos (ponto de partida), criar a *situação problemática*. Assim, por exemplo, o alimento do ursinho é o leite. E o do gatinho? (citar outros animais que se alimentam de leite, quando novos); e o pintinho? (idéia de ave, na classificação zoológica); e o canário? Diferenças entre o canário e o gatinho; semelhança entre um e outro: explicação dos termos "mamíferos" e "aves". Depois, perguntar: Cite os nomes dos animais mamíferos que você tem em casa; idem os das aves; os alimentos dos mamíferos adultos e os das aves adultas. Problema: Porque as aves não têm dentes? Porque os mamíferos têm dentes? (Discussão e colheita de respostas, dando sempre aprêço ao que os alunos vão dizendo; raciocinar com eles, auxiliando-os a desenvolverem o pensamento e a observação.

Aproveitar, com habilidade, as motivações que surgirem incidentalmente, ou criar a motivação se ela não surgir nessas condições.

#### Objetivos:

- a) de ensino;
- b) de educação.

"Objetivos de ensino" — Além dos já mencionados acima, ter em vista que — todo ensino tem um objetivo educacional; assim o objetivo geral do ensino será este:

"Preparar a criança para que possa resolver por si mesma os problemas e as dificuldades novas que, a cada passo, vão surgindo na vida". Estimular a pensar e a decidir por si mesma, e a agir, eis, em outras palavras, o objetivo geral do ensino. O objetivo particular de cada matéria será mencionado logo após o programa ou plano especial de estudo de cada uma.

"Objetivo de educação" — a) dirigir e orientar o desenvolvimento dos alunos; b) socializar a classe; c) dar li-

berdade disciplinada; d) criar valores morais: *virtudes* (verdades econômicas; e) criar valores morais: *virtudes* (verdade, caridade, justiça, etc.), *hábitos* (de pensar, de trabalhar, de higiene, morais e sociais, etc.), *atitudes* (em situações morais que surgirem; atitudes ou posturas físicas convenientes, etc.); *sentimentos* (sentimentos nobres, de altruísmo, de abnegação, de sacrifício, cívicos religiosos, etc.); *idéias* (sugestões por meio de exemplos, tirados da vida real, mediante pequenas biografias, principalmente quanto ao período da infância dos biografados, o que interessará muito as crianças, servindo-lhes de estímulo aos ideais).

#### PLANO ESPECIAL OU PROGRAMA DAS DIVERSAS MATERIAS

**LEITURA:** — Apresentação da lição a ser lida pelos alunos. Interpretação da mesma à vista de gravura ou dramatização. Jogos, para fixação das sentenças.

Exercícios de leitura oral feitos no "pre-livro" ou no quadro-negro. Variar o mais possível a forma ou aspecto da lição a ser apresentada aos alunos.

Organização de dicionários ilustrados, do vocabulário adquirido.

**OBJETIVO:** — Desenvolver a linguagem, despertando interesse pela leitura.

**ESCRITA:** — Nomes do aluno, do Grupo Escolar, da Diretora, da professora, da localidade. Data. Cópia de sentenças do "pre-livro", de avisos aos pais, etc..

**OBJETIVOS:** — a) Escrever com regularidade e legibilidade.

b) Lêr o que escreveu.

**LINGUA PATRIA:** — Conversa com os alunos sobre "Cabelinho de Ouro", "Bebê", a família de Bebê, os trabalhos domésticos das pessoas dessa família, a casa de Bebê, orna-

mentação e arranjo da mesma, etc.. Quais os dias da semana em que Bebê estuda, costura, passeia. Em que mês ela faz anos. A festa do aniversário de Bebê.

Qual a menina que faz anos no mesmo mês de Bebê?  
Contar histórias simples sobre os personagens do "pre-livro".

Estas serão dramatizadas pela classe.  
Decoração de quadrinhas interessantes.

OBJETIVOS: — a) Enriquecer o vocabulário; b) corrigir os defeitos da linguagem; c) desenvolver a linguagem oral.

Coube a mim, por determinação da Diretora do Estabelecimento, discorrer sobre como foram desenvolvidos o programa de Leitura, Língua Pátria e Escrita, referentes ao plano acima .

Sigo o método global ou sincrético, por ser o racional, pois a percepção da criança é sincrética, global. O desenvolvimento da linguagem da criança, começa também do todo. A sua linguagem articulada, começa na frase: quando emite um som, diz uma palavra, quer exprimir um desejo, uma frase. Daí a razão porque adoto o método global.

A aprendizagem da escrita acompanha a da leitura e da linguagem. A escrita é a linguagem gráfica.

No ensino da leitura sigo as etapas do método global, que são: I, historietas; II, sentenças; III, frases ou porções de sentido; IV, palavras; V, sílabas; VI, letras.

O material de leitura é organizado de acordo com a capacidade e o interesse dos alunos, e contém linguagem infantil. A medida que vão sendo apresentados à classe os cartões, representando pequenas cenas do "pre-livro", estas são dramatizadas pelos alunos. Para satisfazer as diferenças individuais, tenho organizado material suplementar, cujos resultados são patentes.

Nos últimos dias letivos do mês de Junho, na aula de

língua pátria, conversando com os alunos sobre o que vimos em uma excursão realizada fora do perímetro escolar, tivemos eles oportunidade de aprender a grafia das palavras: mesa, cadeira, banco, tamborete, armário.

Pedi-me um aluno que escrevesse no quadro: "A mesa é de madeira".

Em seguida, distribuí com a classe pedaços de papel, e todos os alunos relacionaram a expressão — "é de madeira", as palavras: banco, tamborete, armário, etc..

No dia seguinte levei fichas com as sentenças: A mesa é de madeira, banco é de madeira, etc., e estes objetos desenhados a cores vivas, para que os alunos colocassem as fichas em baixo das respectivas gravuras.

Deu essa tarefa ótimo resultado, aumentado sobremaneira o vocabulário da classe.

Nas aulas de língua pátria, esforcei-me para que os meus alunos adquiram o hábito de articular bem as palavras, tendo em vista que falamos para que nos escutem e compreendam.

Jamais imito ou aceito os defeitos da pronúncia. A cada expressão mal ou imperfeitamente pronunciada, respondendo com correção e exijo que o aluno a repita melhor; menos nas historietas, em que não se deve interromper a criança para não lhe matar a espontaneidade nem o estímulo de falar.

Nas aulas de linguagem, os alunos decoram versos para enriquecer e apurar o vocabulário.

Organizei a "Hora de História", que funciona aos sábados. — Depois de ler, ou de contar uma história, vamos comentá-la. Exijo que todos os alunos emitam opinião. Temos feito jogos com fichas, para fixação de sentenças e de palavras. Está em organização um dicionário ilustrado, com o vocabulário adquirido. (Trabalho individual).

Nas aulas de trabalhos manuais, fazem-se recortes em revistas, que são aproveitados nas aulas de linguagem, para exercícios de redação .

VOCÊS SABEM DE QUEM É ESTA CASA ?

É A CASA DOS TRÊS URSUS.

UM URSO MUITO GRANDE; UM URSO MENOR E UM PEQUENINO.

MARTA

NOTA: Reconstituição da história com letras e sílabas recortadas de jornais.

### PLANO DE ARITMÉTICA

(Parte de um plano geral)

#### Objetivo

Conhecimento dos números e sua utilidade, desenvolvimento de raciocínio por meio de cálculos orais; hábito de asseio nos trabalhos escritos.

#### Assunto

Conhecimento oral e escrito dos números até 10.

Contagem de objetos em ordem.

Soma de combinações cujo resultado não exceda a 10. Subtração.

Noções rudimentares de multiplicação e divisão. Conhecimento dos sinais:  $+$   $-$   $=$   $X$   $\div$ .

Cálculos orais sobre as 4 operações.

Conhecimento do dobro e metade.

Divisão do tempo (dias, semanas, meses, ano).

Conhecer as horas no relógio e as principais figuras geométricas.

#### Material

Para a execução deste plano levei à classe o material seguinte:

1 jogo completo de tabuinhas coloridas e numeradas até 10, perfeitamente iguais em altura e largura, variante

apenas o comprimento, de conformidade com o número a que correspondem.

Foi este o principal material em torno do qual foi desenvolvido quase todo o plano.

E ainda, um relógio, em cartolina, com ponteiros móveis, tendo a numeração em algarismos romanos; tentos e objetos de uso dos alunos, na classe.

#### Processo

Conversando com os alunos, mostrei-lhes todas as tabuinhas, dando a cada uma a sua denominação, fazendo-os notar todas as suas particularidades: igualdade de altura e largura, etc., enfim, familiarizando-os completamente com elas.

Fi-los notar que a tabuinha menor — n. 1 — cabe exatamente um certo número de vezes em qualquer uma das outras. Tomando então a tabuinha n. 2, pedi que a cobrissem com outras de números inferiores. Quantas couberam? Retirando uma, quantas ficaram? Seguindo este processo cheguei até ao número 10.

A medida que iam compondo e decompondo cada número, isoladamente, iam adquirindo noções sobre as 4 operações, sendo estes exercícios representados em números no quadro negro, ligados pelos sinais adequados:  $+$   $-$   $X$   $\div$  =.

Adquiridas estas noções, foram logo iniciados em pequenos exercícios escritos de soma e subtração extraídos de combinações que não excedessem de 10, e pequenos cálculos orais para desenvolvimento do raciocínio.

A proporção que foram estudando cada número, fi-los conhecer a hora a que correspondem e a numeração romana que é a do mostrador do relógio e, aproveitando a oportunidade no decorrer deste estudo, fi-los adquirir idéia de dobro, metade, ns. pares e ímpares, numeração em ordem e principais figuras geométricas, formadas com tabuinhas, no mostrador do relógio, ângulos formados pelos ponteiros, etc.

Apezar de ter feito este plano separado, para que fosse mais eficiente o ensino de aritmética, não perdi oportunida-

des de relacioná-la, na medida do possível, com as outras matérias do plano geral.

Como se chama esta figura?

Mostrar figuras quadradas existentes na sala de aula. Cálculos orais:

Antônio tinha 2 bolinhas de gude; jogando com companheiros, ganhou mais 2. Quantas bolas tem agora?

Continuando o jogo perdeu 3; com quantas ficou?

Com a restante jogou e ganhou 4 vezes seguidas. Quantos pares de bolas tem ele agora?

Como é muito bom menino, quis repartir estas bolinhas entre 4 colegas pobres. Quantas bolinhas recebeu cada menino?

Um mês quantas semanas tem?

Professora — Marias Geraldina Perpétuo.

#### FUNDAÇÃO DO "CLUBE DE LEITURA" DA CLASSE DO 3.º ANO, DA PROFESSORA MARIA ARAÚJO

(Dramatização)

Quando nos reunimos para fundar o nosso Clube de Leitura, pensamos logo em incluir no programa da instalação, uma dramatização, por ser uma coisa que muito agrada aos meninos.

Estudávamos então "Os Bandeirantes", ótimo para ser dramatizado.

Todos os alunos queriam tomar parte na mesma e manifestavam o maior entusiasmo pelo tema escolhido.

Ficou determinado que iríamos dramatizar "A Bandeira de Fernão Dias".

Afinal organizamos tudo e escolhemos os personagens afim de fazermos uma bonita festa no dia da inauguração do Clube.

Zanilo, por ser o mais desembaraçado, quiz ser logo — Fernão Dias Pais Leme; João Batista — Borba Gato; Anibal

— Matias Cardoso; Edison Mourão — O índio Bôca Negra; Dirceu Colen — Garcia Pais; Aécio Gomes Costa — Rui Vilhena, (um sábio que acompanhou a bandeira).

Consultamos vários historiadores como Rocha Pombo, Veiga Cabral e outros. — Depois de tudo isto, cada um escreveu a parte que Fernão Dias devia falar, debaixo do controle da professora afim de ser aproveitada a melhor.

Fazendo para eles a leitura daquela poesia de Olavo Bilac, "O Caçador de Esmeraldas", alguns acharam que a mesma devia ser recitada por uma menina, na hora em que Fernão Dias estivesse em agonia.

Achamos magnífica a idéia e escolhemos a Sérgia Alkmim para fazer o recitativo. — Gostaram tanto da poesia, que daí foi sugerido o nome do poeta Olavo Bilac para ser dado ao Clube de Leitura, o que foi aceito com a maior alegria por toda a classe.

Com o auxilio da professora de trabalhos, que se pôs à nossa disposição, começamos a fazer os preparativos para a festa, que foram os seguintes: — A bandeira, o saquinho para guardar as pedras, vestimenta de penas para o índio, flecha, arco, etc.

Foi organizado então o programa de um auditório que, com a maior eficiência e satisfação dos alunos, se realizou no dia 9 de maio.

#### RELATÓRIO DAS LIÇÕES DE HISTÓRIA, GEOGRAFIA, CIÊNCIAS NATURAIS E HIGIENE, DADAS A CLASSE DO QUARTO ANO, DA PROFESSORA MARIA MAGDALA ALTIMIRAS.

Obedecendo ao programa do 4.º ano primário, fiz para ser executado na minha classe, um plano, cujo assunto gravitou em torno do BRASIL, tendo sido estudado durante os três primeiros meses do ano letivo. Assim, motivei o estudo, contando aos alunos a viagem de Cabral às Índias, o que despertou grande interesse em toda a classe para o conhecimento dos povos do Oriente. Iniciamos, pois, o estudo

pelas Índias e outros países da Ásia, comparando-os sempre com o Brasil, à medida que iam sendo estudados.

*Assunto estudado durante a aplicação do plano:*

**História:**

1) Viagens de Vasco da Gama e Cabral; 2) descobrimento do Brasil; 3) nomes de Vera Cruz, Santa Cruz e Brasil; 4) primeiras explorações; 5) povos que habitavam o Brasil; 6) capitânias hereditárias; 7) governo geral; 8) Tomé de Souza; 9) Duarte da Costa; 10) Mem de Sá; 11) papel civilizador dos jesuítas no Brasil.

**Geografia:**

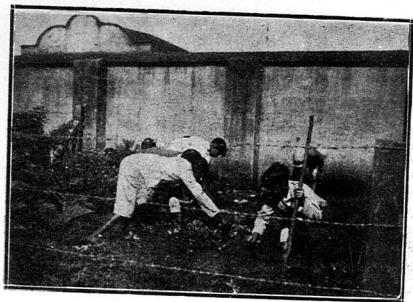
1) Índia, sua situação, rios, montanhas, costumes e religião; 2) montanhas e rios do Brasil; 3) Ásia; 4) os outros Continentes; 5) países da Ásia; 6) o Brasil, suas produções e indústria em comparação com os países do Oriente; 7) a raça amarela; 8) estudo das raças no Brasil; 9) a civilização dos povos do Oriente e a civilização no Brasil; 10) o homem civilizado e o trabalho.

**Ciências naturais:**

1) Os movimentos do homem; 2) sistema nervoso; 3) a alimentação dos povos do Oriente; 4) a nossa alimentação; 5) aparelho digestivo.

**Higiene:**

1) Necessidade da boa alimentação; 2) a higiene individual e a coletiva; 3) combate a diversas moléstias; 4) a variola, conhecida na Índia, na China e também no Brasil; 5) a profilaxia da variola; 6) outras moléstias conhecidas na Ásia como a lepra, beriberi, etc.; 7) profilaxia e necessidade de exterminar essas doenças do Brasil.



Grupo Escolar de Muzambinho  
Alunos cuidando do canteiro de plantas medicinais



Grupo Escolar de Muzambinho — Alunos cuidando de um canteiro

## OBJETIVOS

a) Desenvolver o pensamento; b) enriquecer as experiências dos alunos; c) formar bons hábitos de higiene; d) desenvolver a capacidade de julgamento; e) despertar o sentimento de nacionalismo; f) dar gosto pelo estudo da História.

## Métodos:

Apliquei, durante todo o plano, o "Método-Problema", formando, para isso, uma biblioteca de informações, que já conta com alguns livros de bons autores e ao alcance da compreensão infantil.

Para os alunos se acostumarem a colher informações, procurei dar, a princípio, problemas simples, ou então, leituras correlatas com o estudo, seguidas sempre de comentários para que os alunos pudessem tirar a idéia principal do que foi lido.

Deixo, aqui, como exemplo, alguns problemas dados à classe, durante a aplicação do plano:

1) Como São Francisco Xavier nas Índias, não houve alguém que trouxesse ao Brasil a semente da civilização? (História do Brasil — João Ribeiro, pág. 114). 2) O Ganges tem 3.000 kms. de comprimento e é o principal rio da Índia. E o Amazonas, o grande rio brasileiro, quantos kms. tem de comprimento? É maior ou menor do que o Ganges? (Geografia Veiga Cabral, pág. 48). 3) Porque o "beriberi" assola tanto as regiões do Oriente? (Higiene, Afrânio Peixoto, págs. 228, 229 e 569).

Habituaados já ao estudo por meio de informações, foi marcado um dia da semana para a leitura de jornais que nos fornecem notícias do Oriente, sendo as mais interessantes aproveitadas para as sessões do Clube, instalado na classe, desde o ano passado.

Com igual proveito, as palestras vêm trazendo bastante interesse à classe, auxiliando, outrossim, no desenvolvimento da linguagem oral e escrita, despertando o gosto pela leitura e enriquecendo a experiência dos alunos.



Grupo Escolar de Muzambinho  
Saída dos alunos do 1.º ano para aula de jardinagem



Grupo Escolar de Muzambinho — O Mandioca do Club Agrícola  
( 38 — B )

Os mapas foram ótimos subsídios na aplicação do plano.

#### Resultados:

A aprendizagem concomitante que resultou do meu plano foi o desenvolvimento do pensamento e a formação de bons hábitos como o da boa interpretação.

O estudo soube também imprimir gosto pela História despertando, naturalmente, o sentimento de nacionalidade.

Os objetivos foram, pois, na sua maioria, alcançados, estando agora os restantes no 2.º plano de lições, o qual já foi apresentado à classe.

Maria Magdala Altimiras.

### ENSINO DO DESENHO E TRABALHOS MANUAIS

Maria Margarida Neves.

Tendo em vista que não devemos empreender, ao mesmo tempo, todas as espécies de trabalhos manuais relativos ao programa, e, para poder consagrar a uma determinada atividade, várias semanas, e também facilitar às crianças a aquisição de certa habilidade, resolvi, de colaboração com uma professora do 1.º ano, adquirir envelopes com papel apropriado para tecelagem, o que deu ótimo resultado.

Foi fácil para as crianças a aquisição do material, e todos os alunos trabalharam. Alguns demonstraram tanta habilidade, que variaram os modelos, mudando o aspecto do trabalho, tornando-o interessante, delectando, assim, e, até animando e estimulando os menos geitosos.

Permito que os mais hábeis auxiliem os outros, como estímulo ou recompensa. Assim, a classe trabalha de colaboração; é bom hábito e salutar exemplo de cooperação. Não há perda de tempo nem espera enervante por parte de nenhum "aluno": a distribuição e a arrumação dos trabalhos são rápidos e fáceis, pelo uso de envelopes individuais, em determinado lugar.

Os alunos têm alcançado real proveito, além dos resultados de outra ordem, e não menos importantes, como: hábito de limpeza, desenvolvimento do gosto artístico, da iniciativa, a par da destreza; enfim, progressos morais, decorrentes da cooperação: atos de urbanidade, simpatia, paciência.

Tenho ministrado o ensino do desenho, de acôrdo sempre com as outras disciplinas do ensino primário: a língua pátria, a geografia, a história do Brasil, etc. Este método de ensinar o desenho em colaboração com as outras matérias, educa a memória da criança, auxiliando-a a conservar o que lhe foi ensinado sobre tal ou qual disciplina. Sabe-se que o fim do desenho é reproduzir, gráficamente, um assunto escolhido.

O "croquis", é uma expressão gráfica que o educador emprega para representar, a imagem que deve auxiliar a compreensão de uma palavra, de uma história, de uma idéia, de um sentimento. A linguagem gráfica é usada em todas as classes escolares, encontrando mais aplicação nos graus inferiores.

Entre as crianças que ainda não sabem lêr, nem escrever, o "croquis" é a linguagem a que o educador recorre para falar a seu espírito, comover seu coração, numa palavra, para tornar as lições vivas e fecundas. A necessidade de exteriorização gráfica parece corresponder a um instinto humano. Nada mais natural, portanto, que a criança se interesse tanto pelas lições ilustradas pelos "croquis". Não há absolutamente necessidade de explicar a significação de um croquis-linguagem à criança: este modo de escrita viva tanto fala aos olhos, como ao espírito. Reconhecendo esta utilidade do desenho para o ensino, principalmente no 1.º ano, tenho acompanhado as professoras desta classe no ensino da linguagem, não esquecendo que, se o *croquis* é usado no ensino, deve principalmente visar o desenvolvimento da observação e da memória gráfica.

Não permito cópia entre os meus alunos, afim de que cada um possa revelar a sua personalidade. A natureza é o



verdadeiro modelo que se oferece à criança. A espontaneidade do desenho, a imaginação do aluno e depois a realização do trabalho, eis os fatores essenciais desta disciplina.

Para o desenho do 2.º ano, tenho mandado que a classe, depois de algumas noções intuitivamente dadas sobre ponto, linhas, ângulos, triângulos, etc., desenhem ornatos para álbuns, quadros, desenvolvendo-lhes a imaginação para futuros trabalhos que tenham de desempenhar, de acordo com a carreira que os aguarda na vida prática.

#### DESENHO E MODELAGEM

No 3.º ano, sempre colaborando com as professoras do ensino das diversas disciplinas do programa, tenho orientado os alunos no desenho e modelagem de variados trabalhos.

Assim, tendo uma das professoras deste 3.º ano de ensinar, em sua classe, o ponto de História do Brasil sobre Fernão Dias Pais Leme, mandei as crianças, depois do desenho desses objetos em seus cadernos, preparassem, com madeira, flechas, arcos, armas prediletas dos índios, tendo eles executado, com interesse, bom gosto e perfeição, estes trabalhos, que muito auxiliaram a explicação da professora.

No 4.º ano, a professora tinha que ministrar o ensino de Geografia, sendo determinado o estudo, para aquele dia, da América do Sul. Mandei, de antemão, que os alunos desenhassem, nos cadernos, o mapa desta parte geográfica. Feito o desenho e por mim corrigido, mandei que recortassem os mapas. Depois, ensinei-lhes o preparo de uma massa que depois de seca se torna sólida. Preparada, esta, orientei-os na formação do referido mapa, estampado na madeira, com a massa que já sabiam preparar, dando-lhes os contornos, elevando montanhas, aprofundando lagos, sulcandorios, destacando ilhas, cabos, penínsulas, golfos, estreitos, istmos, etc. Em seguida, ensinei-lhes a colorir todas aquelas partes, dando um aspecto agradável ao mapa da América do Sul, e utilizando a sua memória motora para a fixação dos conhecimentos relativos a esta parte do continente.

Acompanham estes meus trabalhos nas classes do 1.º, 2.º, 5.º e 4.º anos, os tecidos e variados trabalhos de agulha para meninas, não estando ainda, completo este ensino, devido à falta de material adequado, pois, a maior parte dos alunos deste Grupo são paupérrimos, não podendo concorrer com a quota necessária para aquisição do material que exigem os trabalhos manuais, em geral, e comquanto tenhamos nós professoras de trabalhos o auxílio da Caixa Escolar, que a Diretora nos fornece com toda a boa vontade, estamos longe de resolver o caso, por ser muito grande o número de alunos.

O esforço e boa vontade da professora, mesmo com o auxílio pecuniário, que não deixo de dar, não podem obviar as dificuldades como a deficiência de material, elemento essencial para o ensino completo destas disciplinas.

Deixo de falar sobre o valor do desenho como fator educativo na escola primária, porque o que acabo de dizer bem pôde provar o quanto ele concorre para o conhecimento das outras disciplinas, facilitando a aprendizagem e servindo-lhe como meio de expressão.

O desenho é uma disciplina indispensável no programa, visto que, na vida prática, se torna um fator de êxito em muitos trabalhos.

O desenho, na escola primária, deve ser tomado como meio de expressão a ser desenvolvido; é poderoso auxiliar do método intuitivo, substituindo o "croquis" o próprio objeto, quando se torna difícil a apresentação do mesmo.

Maria Margarida Neves, professora de trabalhos manuais.

#### Vida escolar em Minas Gerais

Pedimos aos srs. diretores de estabelecimentos de ensino público e particular (escolas isoladas, grupos escolares, escolas normais e ginásios) que nos forneçam, para serem publicadas, fotografias (instantâneos, de preferência) documentárias da vida escolar em nosso Estado.

# O problema da Escola Rural

Antônio J. de OLIVEIRA  
Inspetor do ensino primário de Oviedo

Transcrito da *Enciclopédia de Educação* de Montevidéo

*Chamamos a atenção dos leitores para este trabalho onde se traça com maestria a psicologia da criança, do adolescente e do adulto rurais, onde, a largos traços, se descreve o que é a escola rural (a mesma por toda parte) e onde se recomendam os remédios para resolver o problema do ensino rural.*

A criança da escola rural é o pesadelo de hoje e a tragédia do futuro. Precisa-se percorrer assiduamente as aldeias espalhadas para se dar conta da geração que se vai deteriorando, se não se acode com uma urgência que roça pela angústia a resolver resolutamente e de uma vez o problema da escola rural.

Eu digo por Asturias e é preciso reconhecer que não é essa precisamente a província espanhola onde o problema do ensino nas aldeias se apresenta mais complicado. Observando a superfície nacional, é que se verifica todo o perigo de continuar pelos mesmos caminhos.

Hoje as frases "problema do ensino" e "escola rural" vêm a ser equivalentes. Grata ilusão aquela de que os melhores mestres deviam ir para os mais remotos rincões! Ilusão que já não existe, porque, por um legítimo instinto de defesa, o mestre mais bem dotado vai para a grande cidade, onde encontra receptividade para o excesso de suas energias.

Estamos já em plena "rebelião de massas". Quando esta procede da cidade, existem varios meios de contenção e não é o menor a cultura, por precária que seja, mas afinal cultura do obreiro da indústria, que tem ateneus, centros de recreio, biblioteca e o estímulo enobrecer da cidade.

A terrível rebelião é a do camponês, dêsse homem analfabeto, sem formação social, sem outra lei que o seu instinto cego, sem consciência da responsabilidade e... provavelmente sem culpa.

Esta rebelião já começou, crescerá com o tempo e acabará por ser a mais temível ameaça nacional. As que durante meio século elevaram à categoria de dogma a conveniência social de deixar o camponês submerso na ignorância que excluía qualquer perigo, tiveram a sorte de desaparecer sem respeitar sequer o legado que deixavam em nossas mãos, legado que nós devemos receber e aceitar sem outro motivo, senão o de ser filhos do nosso tempo.

E como a massa campesina em rebelião ha de chegar íntegra, cedo o utarde, é necessário que consideremos hoje a sua possibilidade com os olhos bem abertos e nos preparemos a dotá-la com essa cultura repressora de que está em absoluto desprovida.

Observemos a criança da escola rural. Toda criança passa por duas fases absolutamente diferenciadas. A primeira é aquela em que se encontra superada por tudo quanto a rodeia. A natureza age sobre ela como uma força cósmica que a intimida e a diminue.

Umhas coisas a deprimem por sua grandeza: as montanhas, o mar, uma torrente que se despenha, um trem que pela noite se some na estreiteza de um tunel. Outras — por seu mistério: os livros, a saber, a luta, a morte. Outras — por sua autoridade: o mestre, o pai, a lei, a defesa da sociedade. Para qualquer lado que a criança dirija suas vistas, não faltam motivos supremos de contenção perante os quais não tenta sequer estender o sbraços para se libertar de suas influências.

A segunda fase é a contrária; a grandeza das montanhas, do firmamento, do mar, é meramente admirativa. Ela sabe de tudo isso o suficiente para considerá-lo aprendido, conquistado, *dominado*.

Não há mistérios. O saber, a dificuldade se conquista ou salva, à medida que se estuda se forma, o caráter no indivíduo.

Não há autoridade coercitiva. O mestre, o pai são bons amigos com os quais a *subordinação* se converteu em *colaboração*; a lei é necessária como princípio regulador da conduta; a defesa da sociedade é uma exigência da honradez.

Talvez todas essas idéias não apareçam com o preciso contorno em sua mente; porém o rapaz tem a vaga presunção. Já não se considera superado, aniquilado. Essa simpática fatuidade infantil de depreciar as coisas aprendidas (ah! isso não é nada!) é a íntima vitalidade de sua superioridade ante o meio.

Pois bem, a criança rural nunca sai da primeira fase. É uma criança a quem tudo angustia e assusta. Treme ante o mestre, ante o desconhecido que visita a escola, ante o guarda civil, ante o livro que deve aprender, ante as ondas que rebentam no alcantilado, ante a locomotiva que arroja o seu vapor com estrépido, ante tudo.

Essa criança cresce com a consciência de sua servidão. Porém um dia é homem; um homem de mentalidade primária. Continua sempre tímida, mas além disso é irritável. Subsiste nêle a incapacidade para a compreensão e por cúmulo, junto a ela se vão acumulando todos os rancores de sua reconhecida inferioridade e de sua inveterada impotência. Só se irrita quem se considera subjugado.

Consequência de tudo isso: o homem rural pensa que importa vencer o meio e como não pôde ser pela cultura (que nada teme) será pela força, não individual (que é temerosa) mas multitudinária. Dai nasce a massa e, conseqüentemente, a *rebelião*.

Nossas escolas rurais são um espanto. Compreendo que os melhores mestres se desencorajem até desfalecer de pena. Tudo conspira contra a escola rural. A inescolaridade, a destruição. Não há meio de seguir um plano racional. As quinze crianças que hoje assistem às aulas são diferentes das que comparecerão amanhã e das que encontraremos dentro de oito dias.

Cada dia é o dia de volver ao começo. A miséria das aldeias os obriga a utilizar, desde cedo o trabalho dos seus filhos. A falta de sibilidade para a obra da cultura escolar faz o resto. O resultado é que a criança assiste à escola com o espírito inibido pelo desânimo e com uma falta absoluta de regularidade, que tanto valeria não assistir-lhe.

Por outro lado, o mestre não dispõe de meios para estimular a assistência e tornar agradável a permanência das crianças na escola. Nem campos de recreio, nem cinema escolar, nem um simples aparelho de projeção, nem material de jogos escolares, nem nada daquilo que atrai e cativa as crianças. Geralmente, não se lhes pôde oferecer mais do que uma habilitação miserável fotófoba, repelente, onde a fixação de um sentimento generoso na mente é um milagre.

Os pais da criança não sentem, o menor amor pela cultura. Dizem o contrário, mas, em seu fundo insubornável, têm um profundo desprezo por tudo o que não seja a rotina do mais elementar e sumário. Aprendidas mal as chamadas *técnicas* a criança abandona alegremente a escola com o pleno concurso paterno.

Há na criança rural uma incapacidade quasi específica para a aprendizagem.

Menino pobre, famélico, depauperado e com uma pobreza psicológica, ainda maior do que a do seu envoltório físico: com uma cerração mental paralela à falta de estímulos externos, torna-se forçoso centuplicar com êle o esforço de ensinar, que nunca chega à condigna medida, pela inescolaridade e pela insuficiência de capacidade reativa.

A instabilidade dos mestres nas aldeias contribue também para a decomposição da escola rural. Porém tudo isso

é muito conhecido, para que percamos tempo em demonstrá-lo. Resultado: não nulo, que seria o menos lastimável; tênivel para amanhã, desastroso para o dia seguinte.

Que se ha de fazer? Aperfeiçoar a escola rural. Como? Fazendo-a cada vez mais rural. Desde o momento em que pretenda emular com a da cidade, está irremissivelmente perdida.

Enquanto não nos dermos conta que a criança camponesa é completamente diferente da cidadina, não estaremos em caminho de nenhum melhoramento. O mesmo acontece com o adulto. Ele tem uma mentalidade desperta para as coisas imediatas a uma falta absoluta de visão; tem um conceito sobrehumano de seus animais domésticos que na cidade não existe (deixar-se-á atropelar por um auto, de preferência a que este atropеле sua vaca ou seu cavalo); tem uma idéia do dever que roça pole rancor, converte a economia, quando póde, em fetiche, por não lhe caber na cabeça a idéia de que o dinheiro em si nada é, se se o não utiliza como veiculo de uma nova riqueza; a superstiçao forma as quatro quintas partes do seu domínio mental; só amparada na desconfiança sistemática.

Nossa obrigação será, pois, emendar seus erros, porém, sem sair jamais de sua orbita viva. Não lhe regatearemos nunca aqueles conhecimentos elementares que são o pedestal comum de toda cultura, e que se conhecem com o nome de teóricas, ou instrumentos naturais de aprender. Mas sobre essa frase não ponhamos outra cousa que não seja o âmbito de necessidade que formam o compêndio de sua vida de aldeia.

Tudo o que disse transcenda se converterá em senhoriato aldeão, cem vezes mais repugnante que o da cidade.

Pois o ensino na aldeia há de tender a melhorar a aldeia, não a fazer dela uma criatura da cidade. Temos que procurar o que o menino lavrador seja cada vez mais lavrador; o pequeno industrial seja cada vez mais industrial em sua pequena indústria e assim por diante.

Dizemos mais e no *melhor*, porque, nesse caso excep-

cional, quantidade é qualidade. Nossa enérgica atividade se encaminhará para esse fim, acostumando as gentes humildes a se habituar à idéia de que na perfeição de seus próprios meios vitais se estriba a sua força e dignidade.

Há de irromper, portanto, a cidade na aldeia. Mas cuidado! Respeitando sempre sua fisionomia autoctone para dela partir a conquista de suas preocupações.

Missões pedagógicas... Muito bem. Os homens da cidade têm na aldeia um reconhecido prestígio. São os que sabem muito, os que ajustam a grandeza das cousas aos seus limites precisos, os que dissipam os mistérios, os que levam auras de bondade e alienam todo o temor, os que induzem a superar o meio.

Eles inspiram confiança, alentam o mestre, animam as crianças e ilustram os pais em suas peculiares tarefas aldeãs. Não se trata de deslumbrar ninguém com um excesso de sabedoria ridícula e incompreensível, mas de ensinar-lhes racionalmente seus quotidianos afazeres, com todas as vantagens que uma simples e exequível lhes póde proporcionar.

Inspecção escolar: Não estará sujeita a taxa nem medida. O inspetor permanecerá em cada escola tanto tempo quanto considere necessário, horas ou dias, e sua atuação será predominantemente social. O inspetor, com todos os recursos de seu engenho organizará, ainda que falte a proteção oficial, viagens de mestres a boas escolas rurais nacionais e estrangeiras.

Ação direta do Estado: Com objetivos essencialmente econômicos, para melhorar a vida do aldeão, cuja miséria é uma das principais causas da inscolaridade infantil, para ajudar as comunas pobres na construção de alegres locais para escolas; para aumentar a consignação de material, a fim de que com um relativo bem estar se entreguem sem preocupações cromastíficas ao seu trabalho escolar.

Magistério: Formação de mestres para escolas rurais, procurando por todos os meios possíveis sua permanência nelas, sendo uma das primeiras condições para conseguí-lo, onde seja o caso, que todo mestre possa desempenhar sua função no povoado de sua origem.

As escolas normais: Organização de uma preparação especializada para o serviço das escolas mencionadas. Entenda-se: não que saiam das aulas duas classes de mestres, mas que todo mestre que saia da Normal esteja em disposição de desempenhar cabalmente suas funções em uma escola rural.

Em resumo: não se trata de dar às crianças das escolas rurais "uma preparação para homens inferiores". Não. Fazemos nossa a frase de Guyan: "Acima dos ofícios, das carreiras e das profissões, há um em que todos devemos coincidir; o de ser homens".

Quanto mais porção de humanidades ponhamos na criança da aldeia, menos teremos que nos preocupar em assimilá-la à criança da cidade. Aliás, tudo o que seja comum a uma e a outra, deve dar-se como comum; e o diferencial, em diferença acentuada.

Não iludamos as crianças, e muito menos os seus pais, com os sonhos da cidade, com as carreiras e os títulos acadêmicos. Aquela criança dotada de excepcionais condições para o cultivo de estudos superiores seja satisfeita em suas disposições naturais, que, sendo naturais, são castas. As demais só podem ser superiores como camponezas.

Assim, pois, há que aperfeiçoar a aldeia rural, partindo da formação de seus próprios filhos. Porém, entenda-se bem que aperfeiçoar a aldeia não é *des*, nem *subaldeisá-la*, mas justamente o contrário.

Uma aldeia perfeita é a antípoda de uma cidade perfeita. Uma aldeia perfeita é aquela onde não há analfabetos, onde se praticam culturas racionais, se estabelecem adequados sistemas irrigatórios, se selecionam espécies e raças pecuárias, se multiplica a riqueza ictícola, se fomentam as indústrias domésticas, se ensinam as práticas do pequeno comércio, se diverte com o seu próprio folclore, se substitue a lei fria pelo direito consuetudinário e se lê o periódico, isto é, onde surge um brôto superior do espírito para sentir a vida da comunidade.

ANTÔNIO J. DE OLIVEIRA



Grupo Escolar Cel. Vieira de Cataguazes  
Uma excursão



Grupo Escolar Cel. Vieira — Cataguazes  
De volta de uma excursão

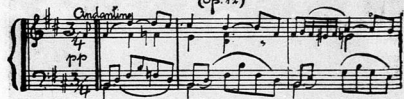
# Preludio para piano

Luiz MELGAÇO

## 1.<sup>a</sup> PARTE

(Op. 12)

*Andantino*  
*pp*



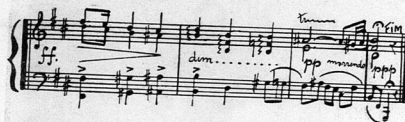
*rit.* ..... *a tempo*



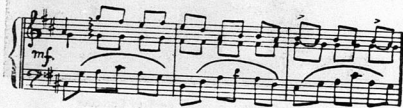
(50 - B)

## 2.<sup>a</sup> PARTE

*ff.* ..... *dim.* ..... *pp* *rit.* *ppp*



*mf.*



*po. rall.* ..... *a tempo*



*po. rall.* ..... *rit.* ..... *DC*



(50 - C)



Grupo Escolar Bueno Brandão de Três Corações  
Plano sobre o Japão: Auditorio — 4.º ano A e B



As alunas e professora da 2.ª Escola Estadual de Cristais, numa excursão  
( 50 — D )

## A discussão nos trabalhos de Seminário

Laurenço FILHO

(Transcrito dos Arquivos do Instituto de Educação)

### I — ATITUDES NA DISCUSSÃO

1. São duas as grandes funções da linguagem: a de “comando” e a de “combate”. Falamos para que nos obedeam; falamos também, porque não queremos, ou porque não podemos obedecer.

2. Neste ultimo caso, contrapondo razões a uma ordem dada, seja ela referente ao domínio da ação efetiva (*agir, fazer*), seja ela tão só do domínio simbólico (*pensar, concluir*), podemos ouvir desde logo novas razões que nos levem à submissão; ou, ao contrário, ouvir razões que despertem réplica sobre réplica. Neste caso, a luta ou combate verbal está engajado: é a *discussão*.

3. A discussão pode transcorrer, como a luta física, de dois modos: 1) rudemente, selvagememente, sem quaisquer regras ou princípios; 2) dentro de normas, perfeitamente estabelecidas e, de antemão, aceitas pelos contendores. Tudo dependerá do objetivo que tivermos em mente.

4. Que desejamos? Ferir ou eliminar o adversário, pô-lo fora de combate, quaisquer que sejam as consequências? Neste caso, não há regras que valham. Não reprimimos os golpes proibidos, usando de unhas e dentes e chegamos a achar natural e justificado todo e qualquer excesso de crueldade. Se, ao envez, o que pretendemos é somente o

adestramento físico, o robustecimento dos músculos ou a conquista da agilidade, então começamos por admitir regras, procurarmos entendê-las e aplicá-las. Em muitos casos só admitimos a luta perante um juiz, isto é, perante um estranho que vele pelo respeito às normas estabelecidas, tal o interesse em que a lei seja cumprida.

5. Pode suceder, ainda, em qualquer dos casos, que a luta, apenas iniciada, desencoraje um dos contendores, que lhe quer evitar o seguimento, a todo transe. Nesta hipótese, o contendor desencorajado, foge com o corpo aos golpes desferidos, ou negocia a paz, de qualquer modo.

6. No combate verbal, as situações indicadas se reproduzem, com fidelidade. Ou a elas nos entregamos, com o intuito de vencer, seja como fôr; ou, procuramos evitá-la, dando pronta submissão, real ou aparente, às idéias do contendor, ou, ainda, fazemos jogo franco, dentro das regras firmadas, para ganhar ou para perder — *ganhando sempre*, de fato, com a utilidade do exercício, se dêle nos soubermos aproveitar. São três atitudes, que convém examinar, em separado.

### 1 — ATITUDE OPINIÁTICA

7. Vejamos a primeira. Aquele que entra no debate, com uma opinião ou convicção inabalável, desejando impô-la, seja como fôr, é um obstinado. Não quer ouvir; se ouve, não escuta; se escuta, não se convence, muito embora os argumentos contrários sejam claros e irrespondíveis. Tem uma "atitude opiniática", a qual pode ser perfeitamente sincera ou, ao contrário, deliberadamente falsa.

#### a) Quando sincera

8. A atitude opiniática sincera pode ter como causas:

a) *falta de compreensão do valor da discussão* — Nesta hipótese, verificamos que o contendor pretende, sinceramente, ter descoberto a verdade verdadeira, imaginando

que só o seu ponto de vista é acertado, não admite, por isso mesmo, o valor da discussão como processo de pesquisa ou de verificação dos conhecimentos; não admite que a discussão seja uma forma de aprender e de controlar o que sabemos. Pode ser inteligente e culto, nada importa: representa o tipo do que poderíamos chamar o idealista ingênuo, daquele que só crê em si mesmo, no que sabe ou no que imagina saber.

b) *falta de informação necessária ao conveniente exame do problema* — Neste caso, não mais o tipo de inteligência, mas a deficiência dos conhecimentos opõe-se à compreensão da questão da terminologia empregada, ou do ponto de vista. A obstinação é aí sincera, mas fruto de ignorância.

c) *falsa noção do valor da opinião "autorizada"* — A atitude opiniática pode decorrer ainda, e uma falsa noção, quanto ao valor probatório da opinião de uma autoridade, no assunto. Por isso que leu ou ouviu de alguém, tido como autoridade, uma opinião qualquer, o contendor a ela se apega, não admitindo que essa opinião possa ser revista, ou interpretada, para certos efeitos. "Aristóteles disse . . ." — acabou-se; "Bergson disse . . ." — acabou-se. Não. Nenhum conhecimento, noção, regra, lei, princípio, está acabado. A autoridade pensou e exprimiu seu juízo, "em dado momento", tendo à mão certos elementos de informação ou de pesquisa. Dentro desses limites, a opinião pode ser inatacável e, por isso, fez carreira. Devemos respeitá-la, meditá-la, tomá-la como ponto de partida, muitas vezes. Mas quem nos assegura que a mesma autoridade, diante de novos elementos de estudo, mudada a época, viesse a chegar as mesmas conclusões? Crer na autoridade, sem mais exame, é um ato de abdicação do pensamento. Pode ser atitude sincera, mas não produtiva.

d) *por dificuldade em compreender o problema do ponto de vista do contendor* — Já alguém disse que "só discutimos, quando estamos de acordo quanto aos pontos fundamentais da questão; tudo mais decorre da falta



de definição de termos e de ponto de vista". Nem sempre é assim, mas muitas vezes o debate pode eternizar-se por essas razões sem qualquer resultado. Se a questão é complexa, admitindo duplo ponto de vista, ou múltiplos pontos, não encaminharemos o problema, para decisão final, se não tivermos suficiente agilidade de espírito para examinarmos por todas as faces. Essa capacidade é sintoma de inteligência, por certo. Mas há pessoas cultivadas e inteligentes que não admitem, em debate oral, mudar o "seu" ponto de vista, para efeito do exame completo da questão, retornando ao ponto primitivo, quando oportuno. É uma atitude de pensamento inadequada, que deve ser corrigida. Nenhum exercício mais conveniente, para isso, de que a própria discussão, com pessoas perfeitamente conhecedoras de sua técnica, e versando problemas, muito simples e objetivos, a princípio.

e) *por falta de racionalização* — O contendor pode ser tolerante, inteligente e bem informado. Mas como lançou uma opinião, em momento de entusiasmo, com ela se empolga, de modo a não admitir qualquer objeção a mais, nem dos outros, nem de si próprio. Dá-se aí o fenômeno que os psicanalistas chamam de *racionalização*, e os estruturalistas de *fechamento*, e os *estrutura*. A opinião emitida é como a chave de abóbada, na estruturação do pensamento de quem a lançou. Corrigi-la ou alterá-la seria pôr tudo abaixo, com choque emotivo muito grande, de que o contendor se defende. A atitude continua a ser sincera, tão sincera que toda a personalidade do contendor a está vivendo. Ele está sensibilizado para compreender tão somente os fatos e idéias que venham em abono de sua opinião. Regeita tudo mais, ou melhor, não sente, não percebe, às vezes nem mesmo ouve tudo mais . . . É situação muito mais comum do que se imagina, entre os *epinóticos sinceros*.

#### b) *Quando insincera*

9 A atitude opinática insincera, sintoma de grande inferioridade de caráter, pode existir, premeditadamente, no

contendor, por paixão não do assunto, mas pessoal, ou ainda por defeito de educação; como pode sobrevir, também, no correr da discussão, por vaidade tola.

Em qualquer dos casos, sentindo que aquilo que defende é insustentável, à luz de seus próprios conhecimentos, o contendor apela para todos os sofismas que lhe ocorram; mente, se necessário; e quando mais não possa, baralha a discussão, ou a perturba, levando-a para o terreno pessoal. É como o jogador desleal que usa de cartas falsas, distrai o parceiro, para surripiar-he os naipes, e, podendo, engana na contagem dos pontos . . .

Como dissemos acima, ela decorre menos de fraqueza de inteligência que de defeitos do caráter. Comtudo, é rara em pessoas verdadeiramente inteligentes, e frequente, ao contrário, nas inteligências limitrofes da normalidade e nos débeis mentais ligeiros. Honestidade e sinceridade apresentam alta correlação com o nível mental, o que já levou algum a dizer, com espírito, que "se os patifes soubessem como é cômodo e produtivo ser honesto, praticariam a honestidade por esperteza . . ."

## 2 — ATITUDE DE INDIFERENÇA

10 Em oposição à atitude opinática, que examina, nas duas formas de sinceridade e insinceridade, encontra-se a atitude de indiferença. Naquela, havia como que excesso de convicção; nesta, opinião hesitante ou carência do desejo de firmar uma convicção.

11 A indiferença pode manifestar-se tanto em relação ao assunto em debate, como em relação ao próprio processo da discussão. Com parceiros nessa atitude, o debate não se engaja. Não querem lutar. Em certos casos, por timidez ou sugestibilidade, aderem fácil e rapidamente a quaisquer opiniões das autoridades ou da maioria . . . Quem ficar bem: são preguiçosos ou comodistas. Quem já não viu, em momentos de votação, em qualquer assembléia, aqueles que nem se levantam nem permanecem sentados,

percorrendo a sala com o olhar, para decidir-se, afinal, com a maioria ou com os chefes?

a) *Em relação ao assunto*

12 A indiferença em relação ao assunto pode provir de preocupações momentâneas ou duradouras, sobre questões mais instantes. A atitude do indivíduo sincero, neste caso, é retirar-se do debate, ou assisti-lo calado. Não havendo interesse, não se justifica a coparticipação formal na discussão. Pode provir também de ignorância, parcial ou total no assunto, o que não permite ao contendor compreender o valor da questão. Pode provir ainda de fraqueza de inteligência, o que obsta a compreensão da questão em si mesma.

b) *Em relação ao próprio processo da discussão*

13 A indiferença pelo próprio processo da discussão é mais grave. O indivíduo normal facilmente compreende o valor do debate, em si, e para ele é atraído funcionalmente. No entanto, observa-se que há indivíduos indiferentes não só pelo assunto, mas indiferentes pelo *processo da discussão*, em si mesmo, ou, ainda receiosos, dele.

14 Essa atitude pode provir::

a) *de condições de temperamento*, que tornam o parceiro (não diríamos bem aqui o "contendor") instável, tímido ou sugestível. Nessa hipótese, a discussão não se engaja, ou a adesão é pronta e fácil, mesmo para conclusões contraditórias ou disparatadas.

b) *de condições momentâneas de timidez*, decorrentes da presença de superiores hierárquicos, do fracasso em um trabalho anterior — de um sentimento de inferioridade, enfim.

c) *de fraqueza de inteligência*, que obsta a compreensão do valor da discussão em si, já como processo de pesquisa, já como processo de aprendizagem. "Si isso está tão claro no livro tal ou qual, porque e para que discutirmos?"

Note-se, porém, que o débil mental ligeiro raramente apresenta este tipo de indiferença. Ele é aguerrido, anti-social, mais que asocial. Sua atitude mais constante é a opiniática, sincera ou insincera.

d) *de ignorância sobre o assunto*, que o parceiro não deseja confessar, por mal compreendida vaidade ou por preguiça. Esta última modalidade pretende defender-se, às vezes, sob o disfarce de cepticismo filosófico . . . "Nada merece o nosso esforço . . . tudo é relativo . . . não há opinião que não tenha contra si outra opinião . . .", etc. Neste caso, a atitude é denunciadora de defeito de caráter ou de temperamento, na maioria dos casos de fundo mórbido, e grave. Já ouvimos certa vez de um aluno que essa atitude tem sido a de grandes espíritos, como Anatole France e Bernard Shaw. Ao que, fácil nos foi responder; "Você tem toda a razão, meu filho. Mas eles tomaram essa atitude como ponto de chegada, não como ponto de partida, só depois de intenso estudo de história, filosofia, ciência e literatura. Quando v. vier a ter a metade da cultura, que qualquer deles revela em seus escritos, ficará muito bem a V. ensaiar o cepticismo. Antes disso, V. apenas faz lembrar o homenzinho que, não sendo nobre, nem rico, nem inteligente, nem culto — foi ao padre confessar-se do pecado de orgulho . . . A história é conhecida".

### 3 — ATITUDE DE CRÍTICA METÓDICA

15 A virtude está no meio. Se procurarmos corrigir os excessos de cada uma das atitudes contraditórias, dantes estudadas, veremos desenhar-se uma terceira, que poderemos admitir para os que pretendam fazer da discussão um processo de estudo sério, de investigação real, de aprendizagem eficiente. Chamemo-la de *atitude crítica metódica*.

16 *O opiniático* padece de extremo subjetivismo; em sua forma mais pura e elevada, como vimos, representa o idealista ingênuo. *O indiferente* se apresenta, ao contrário, com excesso de visão prática, ou é tanguido pelo mínimo esforço: adere de pronto, faz de "Maria vai com as outras" . . .

Num, excesso de subjetividade; noutro, abdição da personalidade. Num, a luta de morte; noutro, a fuga do combate. Fixado um novo objetivo, que não o da eliminação do adversário, nem do desejo de comprar a paz, seja a que preço for — aparece o objetivo do debate pelo *próprio valor construtivo do debate*. Aqui, o contendor tem que entrar em campo, com convicções, de que não abrirá mão enquanto não lhe apresentarem fatos, idéias, argumentos que o convençam da necessidade de retificar, no todo ou em parte, o pensamento primitivo. Mas compreende que todas as conclusões, mesmo aquelas que lhes sejam mais caras, são susceptíveis de análise, e, muitas vezes, de revisão completa. Tanto quanto deseja que se respeite sua opinião, respeita a dos outros. Pretendendo justificar a sua em fundamentos lógicos, quer conhecer dos fundamentos das demais e sobre elles meditar. Consequentemente, obriga-se à máxima sinceridade. Esta atitude é, pois, antes de tudo, uma atitude moral.

17 Igualmente, obriga-se à máxima objetividade. Para não fugir à atitude de crítica metódica, o contendor carece de tratar os fatos, idéias ou pensamentos como se estivessem sempre fóra de si. Reparem como certas pessoas só sabem discutir levantando esquemas ou compondo gráficos, situando no papel, com traços, cruces, fórmulas, rabiscos, as suas próprias idéias. É um processo de objetivação, muitas vezes, precário, mas sempre útil. Por êle, o pensamento como que se desliga das pessoas, toma corpo, torna-se algo de tangível e palpável. A pessoa do contendor, como as pessoas que lhe estão em torno não entram em cogitação, de mistura com o assunto. Claro está que isto não significa a ausência de tacto, de consideração social, de respeito aos de-mais idade ou às autoridades no assunto, reais ou presumidas. Mas, tratando-se a si mesmo, de modo inflexível, o contendor está no direito de aplicar sem hesitação as regras do jogo, na verificação tanto das lacunas de seu próprio pensamento, como na dos outros. A cada momento, êle é parte e juiz: espírito aberto, sim, mas que não se inclina diante de tabús, só porque como tal se apresentem.

18 — É evidente que esta atitude representa longa conquista de auto-educação. Não dependerá apenas da intenção inicial. Dependerá de condições de informação sobre o assunto, de capacidade de compreensão e de crítica, de cultura e de inteligência, a um tempo. Mas a intenção inicial importa muito. Por experiência, em muitos e muitos alunos, temos observado que a compreensão da tendência da discussão lhes tem mostrado as próprias lacunas do conhecimento, levando-os a estudar; por outro lado, lhes tem ensinado a usar dos próprios recursos intelectuais, mais prontamente e mais seguramente, isto é, tem tornado a esses alunos, de alguma forma, *mais inteligentes*.

19 — O domínio sobre si, condição essencial à atitude de crítica metódica, é exercitada nas discussões em grupo, desde que dirigida por pessoa competente. Saber ouvir, por exemplo, parece coisa muito simples. As interrupções, mesmo que sejam para esclarecer, os "apartes", tão do gosto do brasileiro, não devem ser permitidos. O habito de lançar os "apartes" em uma fôlha de papel, resolve a questão. Terminado o tempo de contendor, que expõe, ou defende tese, o outro, que apenas ouvia, lança a vista sobre o papel, e verifica o que realmente deve aproveitar das razões contrárias, que dantes lhes acudiram ao espírito. E fala, então, por sua vez, sendo também atentamente ouvido.

20 — De tudo se conclue que, dentro dessa atitude, o contendor não quer vencer o seu opositor: quer vencer o problema, e esta vitória nem sempre representa a defesa intransigente das conclusões pelas quais, de início, se achava empolgado. Muitas vezes, duas pessoas que assim discutem, chegam a uma conclusão inesperada, para ambos: a) a de que o problema fóra mal proposto, por falta de precisa definição de termos; b) de que ambos não poderiam ter opinião formada, sobre o assunto, por falta das informações necessárias, fossem elas de ordem histórica, de simples observação ou de ordem experimental. Póde dizer-se, portanto, que o que caracteriza esta atitude é a convicção, não a obstinação; por outro lado, a dúvida metódica, não a in-

diferença, ou o cepticismo. Os parceiros passam de contendedores, entre si, a *colaboradores*, transformando a atitude agressiva *contra as pessoas*, em atitude agressiva *contra os defeitos da discussão*, encerrada como processo objetivo, de trabalho em cooperação. Organizada a discussão em grupos ou comissões, com número conveniente de parceiros, os bons efeitos da cooperação resultam logo: o trabalho para o estudo preliminar da questão a ser debatida pôde ser dividido, de modo a aproveitar, de melhor maneira, os conhecimentos e as aptidões de cada um (conhecimento de idiomas estrangeiros para a colheita de dados bibliográficos; capacidade de observação; capacidade de experimentação; capacidade de calcular, desenhar, etc.). Em consequência, a colheita dos dados, assim socializados, torna-se mais abundante, mais rica e variada: os pontos de vista diversos são apresentados em maior número, etc. A cooperação torna-se efetiva.

## II — TÉCNICA DA DISCUSSÃO EM GRUPO

21 — O exame da técnica conveniente, a ser usada nas discussões em grupo, virá aclarar muitos dos pontos de vista anteriormente esboçados. Como vimos, a discussão produtiva é um jogo, em que os parceiros se submetem a um corpo de regras voluntariamente aceitas. Examinemos algumas delas.

### a) Organização dos grupos

22 — O grupo de discussão deve compor-se de pessoas do mesmo nível intelectual, com estudos semelhantes. Sem o que, não se entenderão. Tratando-se de adolescentes — que sejam de pequena diferença de idade, reunidos por afinidades naturais de temperamento e de simpatia recíproca. O número pôde ser variável. Nossa experiência tem demonstrado, no entanto, que os grupos de estudo não devem conter menos de cinco elementos, nem mais de nove. Com menos de cinco, o trabalho de cooperação seria precário; os

“pontos de vista” pouco numerosos. Com dez ou mais, a ordem dos trabalhos já exigiria organização formal, com perda de tempo. Ainda mais, haveria “galeria”, circunstâncias a levar-se em conta com adolescentes. Nessa idade, pensa-se mal sozinho; pensa-se pior ainda, em grupos muito numerosos.

23 — Cada grupo deverá ter seus trabalhos coordenados por um chefe. A experiência mostra não convir que a chefia seja permanente ou efetiva. Ao contrário, deverá ser rotativa, sucedendo-se nela todos os membros do grupo, um em cada semana, por exemplo. Ao chefe incumbirá distribuir os trabalhos preliminares, abrir as discussões; encaminhá-las com um presidente de assembléia, velando pelas regras, mas sem formalismo; deduzir a escrito o andamento do debate, e propôr, por fim, a redação de um relatório. Esse relatório terá a forma de esquema, não de ata. Deverá fixar a redação conveniente do problema, a definição de termos, os argumentos favoráveis à conclusão assentada, e a indicação das fontes de estudo de que o grupo se serviu. Deve ter, no entanto, a sua opinião, que exporá por fim, e que será tomada na mesma consideração em que as opiniões dos demais parceiros o tenha sido.

### b) Marcha da discussão

24 — A marcha normal da discussão de um problema apresenta as seguintes fases:

- a) proposição do problema;
- b) definição dos termos, se acaso necessário, para melhor compreensão e delimitação do ponto de vista em que é tomado;
- c) proposição de uma solução provisória, ou de mais de uma, com exame do material obtido, seja de observação, seja de experimentação, seja de pesquisa meramente bibliográfica;
- d) crítica das soluções apresentadas e adoção de uma delas, ou de nova solução, surgida da comparação de diferentes soluções (uma solução eclética, por exemplo);

e) redação final da solução adotada pela maioria, com exame dos termos empregados.

25 — A propósito do problema exige os maiores cuidados de clareza e de objetividade. Um problema mal proposto dá margem a confusões intermediáveis ou a digressões de nenhum valor, como, por outro lado, pode levar a uma única e determinada solução, pelo que encerre de subentendido. A linguagem deve ser tão simples quanto possível. Questões complexas devem ser desdobradas em itens, que serão discutidos, cada um por sua vez, como problemas distintos, embora correlacionados.

26 — Muitas vezes a questão exige o emprego de termos técnicos, com aceção restrita, embora empregados também na linguagem comum, com aceção mais larga. Isso obriga à definição de termos, para que todos entendam, em face da mesma palavra, o mesmo conceito. Igualmente, a definição de um ponto de vista impõe-se, muitas vezes. Questões de ordem muito geral, como por exemplo "que é a infância?" obriga a êsse trabalho preliminar. A infância pôde ser compreendida de um ponto de vista biológico, descritivo ou genético; de um ponto de vista psicológico, idem, idem; de um ponto de vista social, etc.

27 — A proposição de uma solução provisória impõe-se para bom andamento da marcha do trabalho. Ela polariza a atenção para os aspectos centrais do problema; extrema os contadores em dois ou mais campos de onde novas soluções provisórias que, com a primeira, devem ser comparadas e analisadas, com todas as suas consequências. A solução provisória é uma hipótese, que carecerá de comprovação. Essa comprovação, tal seja o tipo do problema poderá ser feita à luz do material obtido desde início, ou exigir novas pesquisas, tanto no caso de problemas experimentais, como nos de simples documentação bibliográfica.

28 — Assim, o período de crítica das soluções apresentadas, pôde ser mais ou menos longo, durar minutos, horas ou semanas. É a parte crucial da discussão, para efeito de aprendizagem. Cada membro do grupo só deve dar adesão

à conclusão *que sinta evidente*, pelos seus fundamentos. Se a conclusão vem ferir princípios gerais, já revistos ou estabelecidos pelo grupo, ou princípios científicos correntes, maior cuidado deve haver na fundamentação dela. Nesta hipótese, os fatos ou idéias em debate, a definição dos termos, a própria redação do problema devem ser meteticulosamente examinados. Atento exame do histórico da questão deve ser feito nesta hipótese, como nas demais. Discutir-se-á com muito mais proveito, quando conhecidos os pontos essenciais de evolução da idéia em debate, e examinadas as varias tendências ou correntes de pensamento, que suscitou no correr dos tempos. A discussão pôde concluir por uma solução já assentada, pouco importa. Será a redescoberta. De outras vezes, retocará a noção, restringindo ou ampliando a sua aplicação.

29 — Ainda nessa fase da discussão, deve haver o maior cuidado em separar os simples exemplos, ou comparações, dos elementos reais de indução. Tome-se cautela com o raciocínio por analogia, e com a dedução por simples negação. Quando duas soluções contraditórias apareçam, tenha-se o cuidado de relacionar os argumentos apresentados em favor de uma e de outra, para reconstituição da marca do pensamento no debate.

30 — A redação final da solução adotada pela maioria dos elementos do grupo deve ser tanto quanto a proposição do problema, simples e clara, e a ela se ajustar perfeitamente. Verifique-se se a extensão e a compreensão dos termos são as mesmas na proposição do problema e na conclusão "Solução adotada pela maioria" não significa solução definitiva, nem solução absolutamente certa. Se o debate foi bem conduzido, e os elementos do grupo se acham à altura do problema, presume-se que essa seja a melhor solução. Mas apenas *se presume*. Pôde acontecer até que a unanimidade se manifeste por uma conclusão inteiramente errônea. Mas o fato do grupo acordar, por unanimidade, depois de estudo sério do problema, numa só solução, reforça a presunção de legitimidade. No caso de divergência, ou o grupo resolve reabrir a questão, para exame mais aprofundado de todo o con-

teudo da matéria, ou se elaboram dois relatórios diversos referentes às duas correntes em choque.

c) *Preparo do material*

31 — Nenhum membro do grupo, deve apresentar-se para o debate sem haver obtido o material necessário, em estudos preliminares. Certas questões exigem a observação de fatos (questões de administração escolar, de prática de ensino, de diferenças individuais de alunos, etc.). A observação pôde ser dos membros do grupo, tão somente, ou estender-se a numerosas pessoas, por meio de *questionários* (pesquisas de sociologia, de aplicação de novas práticas de ensino, de uso de material, de livros, etc.). Outras exigem *experimentação sistemática*, cujos dados carecem de ser tratados à luz dos princípios estatísticos (testes mentais ou de aproveitamento, problemas de aprendizagem, de transferência do ensino, de correlação entre diferentes atributos biológicos, psicológicos e escolares, etc.). Outros, enfim, demandam apenas *pesquisas bibliográficas*, sejam questões de ordem muito geral (sociais e filosóficas) sejam de história da educação, de educação comparada, etc.

32 — Esse material deve ser arrolado de modo conveniente, segundo cada caso. Se se referir só à pesquisa bibliográfica, deve ser apresentado em fichas, de 5 x 8, conforme as instruções já estabelecidas, para maior falcidade de manuseio e arquivamento. A pesquisa bibliográfica não significa só a procura de opiniões de autoridades; mas sim, e também, a de fatos, observações e experimentações relativas ao assunto. Muitas vezes, poder-se-á aproveitar da observação e até da experimentação feita por um autor, para se concluir em contrario à opinião por ele sustentada. Assim, quando se apresentarem opiniões feitas, convirá informar em resumo, qual o processo de que o autor citado lançou mão, para chegar às suas conclusões, pois, importa, é muito, conhecer dos recursos de que dispôs o autor, para a interpretação dos dados em que se apoia.

33 — A confiança no processo da discussão, e o esforço em obter cada dia uma técnica melhor por parte de todos os elementos do grupo, são condições de êxito no trabalho. *Não ha uma técnica formal que se aprenda fora do trabalho. Só há receitas.* Há informações e sugestões, que cada um deverá compreender e aplicar a seu caso. Não se pense também que a discussão supra o trabalho individual. A este respeito, o grande valor do debate é dar "sentido" ao trabalho individual, por ele estimulado e, muitas vezes, dirigido. O debate, porém, processo que é de aprendizagem, como todos os outros recursos de organização do trabalho intelectual, não chegou a inventar o estudo... *sem estudo*. Novas formas de trabalho aumentam o rendimento do esforço. Mas a necessidade do esforço subsiste. Sem ele, nada ha de criador, na educação.

LOURENÇO FILHO

## Sociedade Pestalozzi

Consultorio Médico-Pedagógico

*Para crianças retardadas, nervosas,  
com perturbações da linguagem,  
surdas-mudas, com defeitos de caráter,  
anomalias de crescimento, etc.*

*As segundas e quartas-feiras de 8 às 11 horas*

**Rua Ouro Preto, 629**

**Belo Horizonte**

— Gratuito para crianças pobres —

# Higiene mental

Traduzido pelo dr. Carlos de Sá, do livro — Educação da Saúde, de Thomas Ford

1. A professora deve ajudar seus alunos a adquirirem o “domínio da emoção” e deve evitar qualquer gênero de ação que possa provocar emoções prejudiciais.

Nunca se deve amedrontar as crianças: um susto na infância pode tornar-se a base para psicose de um adulto.

As crianças, não devem ser ridicularizadas, envergonhadas, nem perturbadas; o medo do ridículo numa criança pode ser tão intenso que parilise a ação. Deve haver na escola uma calma atmosfera de ordem para evitar o constrangimento exagerado como a excitação emotiva.

2. Ajudar a criança tímida, que se perturba facilmente, a “dominar o acanhamento e o embaraço”, de modo que possa executar seu trabalho e divertir-se como as outras, com mais capacidade e prazer.

3. A professora deve ajudar os alunos a formarem hábitos de “honestidade intelectual”; enfrentar as dificuldades corajosamente e não esquivar-se a elas.

4. Nos alunos deve ser inculcado o hábito de “concentrar-se na ocupação” presente. A professora deve ensinar seus alunos a trabalharem com eficiência e bom êxito. É salutar uma certa quantidade de trabalho físico e mental.

5. Deve-se animar as crianças a resolverem seus problemas pela “ação” e não pelo devaneio. A imaginação não é nociva se conduz à ação, mas um devaneio excessivo, que nada produz, é prejudicial.

6. A professora deve esforçar-se para impedir que a criança alimente o sentimento de inferioridade.

Deve-se dar a toda criança a oportunidade de ser bem sucedida nalguma coisa; o fracasso constante estabelece o hábito de errar e é um obstáculo quasi invencível de desânimo ou indiferença.

As professoras deveriam julgar o êxito por uma base de esforço e pelo progresso, assim como pela habilidade natural e pelo valor.

7. Estimular as atividades que acentuam inerentemente as qualidades desejáveis, a saber: esportes cooperativos, jornais escolares, govêrno de estudantes, atividades cívicas, desenvolvimento de talentos especiais de habilidade e escotismo.

8. Estimular as atividades sociais úteis e o interesse pelo bem-estar alheio.

9. A adolescência caracteriza-se por uma combinação de instabilidade emotiva e de independência crescente, que muitas vezes, tem como resultado um procedimento extravagante, na aparência. Vale a pena a professora procurar compreender êstes sentimentos e ser, nessas ocasiões, um guia inteligente e prudente.

Para resumir, devem ser acentuados mais os hábitos de franqueza, honestidade, alegria, abnegação, sociabilidade, coragem, constância e energia.

## AVISO AOS SRS. ASSIGNANTES

Afim de evitar interrupção na remessa da “Revista do Ensino”, devem os srs. assignantes reformar a tempo as suas assignaturas.

## A Escola "Ativa" de Decroly

Ad. FERRIERE

O êxito do método Decroly, é inegável. Deve-se êle à sua simplicidade. Ele funda-se, com efeito, num pequeno número de postulados evidentes. A criança não é um adulto em miniatura; ela tem as suas feições próprias que formam, em cada idade, um todo em via de evolução. O motor central do esfôrço na criança é e deve ser o interêsse, devendo entender-se por interêsse a chama interior que a impelle em busca da verdade, nas coisas e nos seres. Os interêsses das crianças da mesma idade são, têrmo médio, os mesmos, porque elas revivem, de certo modo, a evolução do homem primitivo, com as occupaões e preoccupaões de nossos longínquos antepassados. Delas resultam que o cuidado de procurar a alimentação, a necessidade de defender-se contra a intempérie, a de lutar contra os inimigos e as enfermidades, o gôsto pelo trabalho solitário são comuns, mais ou menos. Volver a êsses interêsses espontâneos, suscitar sôbre êles a observação direta dos fatos (coisas e atividades humanas), evocar, por associação de ideais, as curiosidades em matéria de tecnologia (transformação da matéria prima em produtos úteis), de história (como se satisfiziam outras vezes essas necessidades), de geografia (como elas se satisfiziam em outros lugares da terra), associar-lhes medidas (aritmética, diagramas, gráficos), a expressão falada (língua materna), a expressão escrita (o desenho, o modelado, os mais variados trabalhos manuais, além do canto e da representação dramática) é assegurar, sem esfôrço, a plena participação da atividade infantil.

E como o esfôrço empregado num trabalho interessante é dez vezes mais eficaz do que o realizado com aborrec-

cimento, pode imaginar-se a soma considerável de conhecimentos inteligentemente conquistados, dêste modo, pela juventude.

Decroly utilizava, além disso, outros recursos psicológicos: o gôsto pelas coleções que transforma a classe ao mesmo tempo num museu de minerais, de vegetais, de produtos animais, de gravuras e de documentos de toda espécie; o gôsto da atualidade que faz com que se abandone, quando se oferece a ocasião, todo um programa preconcebido para seguir tal ou qual acontecimento importante que prende a atenção apaixonada das crianças; o gôsto pelas excursões, as pequenas viagens que foram preparadas e utilizadas com esmero. Bem entendido, que com essa concentração das matérias — com essa visão global da vida, de que sairão mais tarde os "ramos" da árvore do conhecimento — não é possível ter mestres diferentes para cada uma, nem um só professor para todas, porque então, sôbretudo, para os alunos de 10 a 14 anos, o fardo seria demasiado.

Decroly teve, a idéia de dividir o trabalho de outro modo: um ensina a observação, outro, as associaões técnicas, históricas, geográficas; outro, a expressão. Tudo isto, entretanto, com o mesmo centro de interêsse. Não se esqueça, claro está, o número e a medida que surgem da observação; embora a técnica, do ponto de vista psico-genético, seja distinta. A escola Hamaide e a escola Ermitage, em Bruxelas, com suas paredes cobertas de gráficos, de desenhos e de inscriões, feitas pelas crianças, bastam para mostrar ao menos competente que não se encontra em uma escola como qualquer outra. Nesta encontramos-nos em presença dos "ramos" sem tronco comum; naquelas existe um tronco; a vida — uma vida infinitamente rica, variada, interessante, até mesmo cativante — e ramos que se destacam, alimentando-se de sua seiva e vivendo sômente por si".

Ad. FERRIERE



# A educação rural nos Estados Unidos

Edwin R. EMBREE  
(Presidente do Fundo Julius Rosenwald)

O Fundo Julius Rosenwald mantém atualmente, como o seu programa central, um plano de melhoramento para a educação rural, especialmente no sul. Este esforço liga os diversos interesses a que o fundo vem se dedicando há anos: educação, relações raciais e o bem-estar da raça negra, extensão bibliotecária e saúde.

Os seus primeiros programas no sul visavam especialmente as escolas de pretos, visto que o desenvolvimento desta fase do sistema escolar foi e ainda é inadequado. As presentes atividades relacionam-se com as escolas rurais, independentemente de raça. Já que a maior parte dos pretos no sul vivem no campo, qualquer melhoramento na educação rural deve naturalmente beneficiar essa raça. Mas os nossos atuais esforços não têm especialmente qualquer aspecto racial, sendo apenas um esforço no sentido de melhorar a educação rural em geral, e dessa forma enriquecer a vida rural.

Estamos concentrando os nossos esforços no sul, devido ao fato de que possuímos maior experiência e conhecimento dessa área. Essa região apresenta certa homogeneidade e proporciona limites geográficos a um programa que, de outra forma, teria de ser muito difuso e geral. Além disso, o sul, devido à sua falta de riqueza, é geralmente de

(\*) Extraído do relatório do Fundo Julius Rosenwald, para o período de 1933-35, e publicado no BOLETIM da UNIAO PANAMERICANA, junho de 1937.

natureza rural e, devido aos seus peculiares problemas raciais, é a região que mais necessita de acurados planos para a educação rural.

## O SISTEMA ESCOLAR DOS ESTADOS UNIDOS

Tem sido verdadeiramente assombroso o desenvolvimento das escolas públicas nos Estados Unidos. Nação alguma na história do mundo já procurou e conseguiu proporcionar facilidades educativas na extensão em que ora o fazemos. Não só existem escolas elementares em número suficiente para fornecer instrução, mediante fundos públicos, e virtualmente todos os 25,000,000 dos nossos jovens, senão também escolas secundárias em grau quasi que igualmente universal. *Colleges*, universidades e faculdades diversas — tanto públicas como particulares — oferecem instrução superior a números jamais contemplados em qualquer outro país.

O crescimento do sistema escolar público é uma das maiores maravilhas na história dos Estados Unidos. Há apenas 50 anos atrás, as matrículas em todas as escolas, tanto públicas como particulares, era de onze milhões, pela maior parte nas escolas elementares. Hoje é de trinta milhões. No terreno da instrução secundária, o aumento tem sido assombroso — indo de um quarto de um milhão em 1880 para sete milhões em 1931 (2) Os *colleges* e as universidades, que há duas gerações atrás representavam um raro privilégio para a educação da elite, mantêm hoje uma

(2) É difícil chegar a cifras acuradas correspondentes à frequência nas *high-schools*, devido ao fato de que o desenvolvimento dos *junior colleges* e *junior hig-schools* têm deslocado um tanto as antigas categorias. A estimativa feita pela Associação Nacional de Educação no relativo às matrículas durante o ano de 1934-35, nas "escolas altas" públicas (nos últimos quatro anos desse curso) é de 6,719,000. Se a esse número acrescentarmos aproximadamente 450,000 alunos nas escolas secundárias particulares, a matrícula total nas escolas secundárias montará a 7,169,000. A população de jovens nos Estados Unidos, entre as idades de 15 a 18 anos, é calculada como sendo de 10,175,000. Se esses cálculos todos forem

matrícula de 1,250,000 estudantes em matérias usualmente consideradas como sendo de instrução superior.

Naturalmente, para fazer frente à emergência educativa, tem sido necessário produzir professores com grande rapidez e em números colossais. Não é de admirar, pois, que muitos dos professores hoje possuem preparo inadequado, apresentando uma triste deficiência, tanto no seu desenvolvimento pessoal como no seu conhecimento quanto àquilo que as crianças devem aprender. Mas mesmo assim, ao menos em nome, pudemos enfrentar a situação. No momento atual, acham-se ocupados na tarefa do ensino . . . . . 1.250.000 professores.

Tem havido erro, enganos e práticas relaxadas nesse rápido crescimento do nosso sistema educacional. É preciso admitir que há maior frequência escolar do que realmente verdadeira educação. Mas, o fenômeno verdadeiramente surpreendente é que a educação poude, de qualquer forma, ajustar o passo a tão monumental aumento de número e que se tornou possível arregimentar professores de qualquer espécie para correrem em socorro do edifício, amparando os diques educativos contra a onda sempre crescente de milhares e milhares de estudantes sempre em demandas dos níveis mais altos do sistema escolar.

Exatamente porque os Estados Unidos têm realizado tão grande obra na formação de um sistema de escolas públicas, necessitam eles agora de iniciar a tarefa de oferecer uma verdadeira educação aos seus jovens estudantes. Apesar de todos os edifícios e organismos, apesar de professores e alunos, apesar de todo o emprêgo de capital e o interesse público, os Estados Unidos têm chegado apenas a lançar os alicerces da sua obra de desenvolver as aptidões e a

---

corretos, acham-se atualmente matriculados nas escolas secundárias da República aproximadamente 70 por cento de todos os jovens do país. Em países altamente desenvolvidos, tais como a Grã Bretanha, a França e a Alemanha, embora a instrução elementar seja tão universal como nos Estados Unidos, todavia a educação secundária é sumamente seletiva, não abrangendo mais do que 15 ou 18 por cento dos jovens de idade correspondente a tal instrução, e não passando o seu total de umas poucas de centenas de milhares.

iniciativa dos seus filhos. Se escolas da magnitude e do escopo das dos Estados Unidos algum dia chegassem a guiar sábiamente as aptidões inatas dos seus jovens, o país seria transformado; pela primeira vez na história do mundo uma nação chegaria a civilizar-se.

A nossa atenção tem sido dirigida para a construção de gigantescos edifícios escolares. Temo-nos visto sobrecarregados pela necessidade de encontrar professores de qualificações mesmo mínimas para atender às vastas multidões de alunos, temos estado face a face com problemas de organização e de administração. Urge, porém, no momento atual, dirigir a nossa atenção para a própria educação, para o desenvolvimento da inteligência, das habilidades, da iniciativa individual e social de 30,000,000 de jovens. Nação alguma jamais lançou tão amplas bases educativas no relativo à construção física, organização e matrícula; nação alguma já teve tão formidável oportunidade para provar as possibilidades da educação — rica, ampla e livre — para todo o povo.

### PROBLEMAS RURAIS

Todo o sistema escolar sofre de formalismo, de um rotineirismo preocupado com objetivos fixos. A insistência dogmática sobre métodos e processos constitui um tipo de fundamentalismo especialmente entorpecente entre os educadores. Não resta dúvida que para se obter êxito no mundo moderno, é preciso o conhecimento de certas e dadas matérias e pericia na utilização de certos implementos ou instrumentos intelectuais. Mas é igualmente verdade que uma atenção por demais fixa no relativo a exercícios de rotina, tem conduzido muitos professores a esquecer a criança, a olvidar o fato de que a missão do educador é habilitar cada criança individualmente a preencher o mais amplamente possível as possibilidades do seu ser, e a viver da maneira a mais útil neste mundo sumamente prático mas ao mesmo tempo em constante mutação.

A rotina escolar é especialmente nociva às escolas

rurais. O presente programa de estudos de tais escolas foi formulado em grande parte por entidades urbanas, visando especialmente escolas urbanas. Muita matéria de rotina nela incluída é de pouco valor, mesmo para as crianças que se destinam mais tarde a serem caixeiros, ou trabalhadores industriais, e de muito menos valor ainda para as crianças que residem nos campos, nas granjas e outras regiões rurais.

Durante decênios recentes, quando nos achavamos, por assim dizer, hipnotizados pela prosperidade industrial e pela resplandescência da vida urbana, deixámos de pensar no campo, que passou a ser para nós apenas um lugar em que poderíamos por aigum tempo escapar do movimento febril da vida urbana. Entre as forças que há meio século atrás induziam os jovens a dirigir as suas vistas e as suas aspirações do campo para a cidade, figuram as escolas formalísticas. Efetivamente, as escolas eram uma espécie de peneira destinada a separar os alunos vivos e inteligentes dos tardos e morosos, sendo naquele tempo um axioma aceito por todos que os primeiros depressa partiriam rumo à cidade, deixando apenas no campo os estúpidos e ineptos, o que resultava em tornar a vida do campo ainda mais insípida do que antes.

A primeira e magna tarefa das escolas rurais é, pois, agir no sentido de fazer com que a educação se dirija às necessidades individuais das crianças rurais, visando torná-las cidadãos felizes e uteis na vida rural. Examinemos por um instante a espécie de preparo necessário para a vida rural. Salientam-se cinco itens:

1. A habilidade de ler e escrever com clareza e compreensão.
2. Perícia em cálculos aritméticos.
3. Conhecimentos agrários, inclusive uma compreensão geral dos processos biológicos, e a natureza em geral.
4. Perícia manual, especialmente na manipulação de madeiras e outras matérias empregadas em uma mecânica simples.
5. Saúde.

São êsses os requisitos patentes de qualquer vida rural bem sucedida, e parece ocioso argumentar em prol de instrução em matérias tão óbvias. Entretanto, o fato é que as crianças não estão recebendo em suas escolas qualquer instrução que de longe se aproxime a um preparo adequado nessas matérias fundamentais. A leitura, naturalmente, é o primeiro mandamento entre as matérias básicas. Uma vez sabendo ler, a criança pode-se encarregar do resto de sua educação mediante os seus próprios esforços. Regra geral, a diferença entre pessoas instruídas e pessoas não instruídas, está exatamente na diferença existente entre êles no escopo e na compreensão de suas leituras. Abraão Lincoln não possuía senão escassa educação formal, contudo era um dos homens mais bem instruídos, pois lia com avidez.

Apesar da posição básica da leitura na educação, um dos defeitos mais comuns entre os alunos das nossas escolas é justamente não saber ler corretamente. Qualquer visitante às escolas fica surpreendido de ver o grande número de crianças quasi que completamente deficientes no uso desse instrumento elementar da instrução. Muitos dos alunos, mesmo nas classes médias da escola intermediária, são incapazes de participar com êxito no exercício de enunciar rapidamente palavras a esmo da página impressa. Mais notável ainda é a grande massa de alunos que embora possam enunciar prontamente as diversas palavras, não têm compreensão nenhuma do que lêem. Efetivamente, não se acham compenetrados do fato de que a leitura é um meio de obter informação e inspiração e não meramente um exercício escolar.

As escolas — rurais ou urbanas — não poderão se vangloriar da educação que proporcionam aos seus alunos enquanto não fôr vencido êsse problema essencial da instrução. Quasi que todos os cursos da escola elementar podem ser considerados como veículos em que obter prática de leitura. E a leitura, por sua vez, não deve ser considerada como uma "lição", a ser estudada em uma classe especial ou em livros especiais, mas como um meio de se asse-

nhorear de todos os assuntos e projetos que constituem a vida escolar — e enfim a vida em geral. A tarefa fundamental — atualmente mal desempenhada nas escolas — é de ensinar a criança a ler.

A expressão do pensamento mediante a escrita e a linguagem oral é o obverso da leitura, é parte do processo de obter conhecimentos e facilidade no uso desse maravilhoso instrumento social — uma das invenções mais importantes jamais ideadas pelos homens — a comunicação das idéias por meio de palavras. A caligrafia e a soletração fazem parte da mecânica da escrita; a habilidade de se exprimir com clareza e eficiência é o aspecto mais alto desse mesmo processo.

Outro fator essencial da vida moderna é a habilidade de lidar com números. O lugar da aritmética no programa escolar não necessita de argumento. Convém notar, porém, que o alvo que se deve ter em vista não é conhecimento quanto aos tradicionais exercícios da matemática formal, mas um conhecimento geral da natureza do número como um instrumento, juntamente com perícia no cálculo dos usuais problemas da vida diária. A aritmética é realmente uma matéria muito fácil quando os professores a ela se dedicam com verdadeiro interesse. É também muito importante, mas a sua importância se relaciona com a vida real e não com vários enigmas e quebra-cabeças ou palavras cruzadas, por mais que figurem tais processos na história e na tradição.

As matérias restantes na nossa lista caem em outra classe. São reconhecidas como constituindo o preparo necessário para a vida, especialmente a vida do campo, mas não são geralmente reconhecidas como constituindo parte do trabalho escolar. Contudo, se encarmos a educação como o meio de fazer valer a capacidade inata da criança, como meio de torná-la feliz em si mesma e eficiente na coletividade, devemos planejar não em termos de disciplinas escolares tradicionais, mas em termos daquilo de que a criança necessita para se preparar para a vida.

Não estamos preceituando o estudo agrário e manual como assuntos vocacionais. A educação nesse caso deve ser tão geral quanto na leitura ou na aritmética ou outro assunto escolar qualquer. A instrução agrícola poderá conduzir o estudante a se aprofundar à vontade no estudo da natureza e da biologia, ao mesmo tempo que lhe fornece meios práticos de ganhar a vida com todos os detalhes da tarefa bem definidos e especificados, tais como a plantação, a propagação, cultivoação e colheita; e proporciona-lhe uma ocupação cheia de interesses variados, pois o produto poderá ser algodão ou aveia da sua própria plantação, ovos ou leite dos seus próprios animais domésticos, ou mel produzido por sua colmeia de abelhas, cuja vida deverá lhe fornecer interessantes momentos de estudo. O cultivo abrange fertilização, irrigação e preparação do solo para receber as plantas, o alimento e cuidado do seu gado cavalari e vacum, especial habilidade em persuadir as galinhas poedeiras a se adaptarem a certas condições ou de induzir as abelhas a pousarem em uma certa localidade. Os aspectos econômicos e biológicos da lavoura são importantes. As crianças devem aprender alguma coisa a respeito da venda das mercadorias e do custo dos abastecimentos e dos interesses econômicos especiais da agricultura.

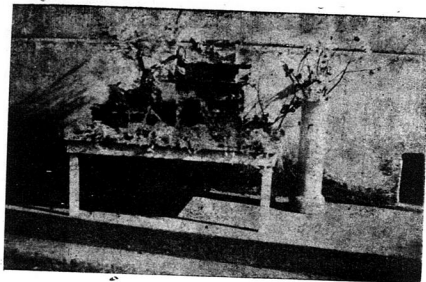
Ninguém pode negar a influência hoje exercida na vida moderna pela habilidade com que se vai aproveitando a natureza para satisfazer as nossas necessidades; ninguém pode olvidar o rico acervo de conhecimentos obtidos no estudo geral e especial da natureza. Se as escolas ainda não organizaram estes tópicos vivos e interessantes de maneira a serem facilmente adquiridos pelos alunos, é tempo que o façam. Com a devida modéstia, sugerimos que um conhecimento exato da maneira de manipular milho e cuidar das vacas ou das abelhas é ainda mais elucidante, e ao mesmo tempo útil, do que um conhecimento acurado das complicações do menor denominador comum, da lista dos reis da Inglaterra e de outros requisitos tradicionais da profissão do mestre escolar.

Igualmente necessário ao rapaz do campo é a perícia manual, não meramente para lhe habilitar a concertar uma cadeira quebrada ou lidar com o seu automóvel — por importantes que sejam estas cousas — mas também para lhe fornecer um meio de expressão para o seu tino criador, na confecção de objetos úteis e belos. Não é esta uma sugestão no sentido de repudiar a produção mecânica e voltar de novo para os artefatos manuais. Pelo contrário, a máquina e a perícia manual devem se complementar. Em se tratando de mobiliário, construção, decoração e a confecção de roupa, muitas vezes o trabalho é mais artístico quando feito a mão do que quando feito a máquina, e além disso, sai muito mais barato para quem o sabe fazer. A pessoa que sabe empregar as suas mãos com a perícia de mestre na construção de uma casa, na pintura de um quadro e em tocar violino ou tecer uma fazenda qualquer, possui um meio de expressão que sem exagêro podemos chamar de divino. E além disso, possui um meio seguro de ganhar a vida.

O ensino das artes manuais ocupava no passado um lugar de honra, que deve voltar de novo a assumir. Ficou desprestigiado devido ao costume que entrou em voga de denominar o ensino de certas matérias de ensino vocacional ou profissional. O fato é que tanto é vocacional o ensino da aritmética e da leitura como o das chamadas artes profissionais, pois ambos são necessários para ganhar a vida ou mesmo para viver neste mundo. A perícia agrícola e manual devem ser objeto de um ensino tão prático como a leitura e a aritmética, mas ao mesmo tempo tão amplo e geral como qualquer assunto acadêmico.

Juntamente com estas matérias, que formam, por assim dizer, parte da arte de viver, deve-se naturalmente dedicar acurada atenção ao lar, assim como à granja. A arte de cozinhar, de confeccionar roupa e de cuidar da casa, são os companheiros naturais da carpintaria e da plantação.

A saúde constitui um assunto um tanto mais difícil na escola. As leis da bacteriologia e da biologia nas quais repousam a proteção da saúde são complicadas demais para



Grupo Escolar Bueno Brandão  
Plano sobre o Japão — 4.º ano A e B

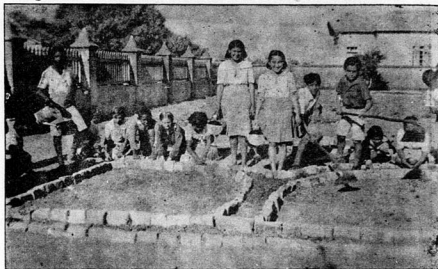


Grupo Escolar "Bias Fortes" de Januária  
Socios do Club Agrícola trabalhando nos canteiros.

serem facilmente compreendidas pelas crianças. Além disso, a proteção contra as grandes epidemias requer antes atenção pública do que privada.

Contudo, a saúde constitui um assunto tão importante em se tratando de qualquer plano de viver, que toda a criança deve possuir algum conhecimento de suas leis básicas; alguma competência para se proteger e os seus companheiros das moléstias mais comuns. Isto especialmente em se tratando do campo, onde a saúde pública se acha menos desenvolvida do que nas cidades e onde a luta contra as moléstias é mais questão individual ou de família do que pública. Deve haver algum ensino quanto à maneira de equilibrar a dieta, pois, apesar da idéia de que no campo existe sempre maior variedade de alimentos nutritivos e de empregar alimentos menos nutritivos e mal equilibrados, são, os agricultores frequentemente caem em um costume. Em vista do fato de que isto resulta frequentemente da ausência de uma diversidade de safras, podia-se incluir no ensino agrícola alguma instrução sobre safras suplementares. No momento atual não resta dúvida que a saúde é um dos assuntos mais mal apresentados do ensino escolar. Qualquer que puder idear bons cursos nesse sentido, projetos que tenham por efeito estimular verdadeiro interesse nos alunos e processos realmente proveitosos, será um verdadeiro benfeitor público.

Sugerimos, pois, estes cinco assuntos como as matérias essenciais para qualquer escola elementar em um distrito rural. Se as crianças se aperfeiçoarem até certo ponto nestas matérias, terão alguma garantia de uma vida feliz e bem sucedida. Certamente não é demais esperar que nos usuais seis ou oito anos escolares, se possa adquirir um conhecimento desses cinco tópicos. A razão desses assuntos, assim como outros, não terem sido convenientemente aprendidos no passado, deve-se ao fato de que as escolas têm procurado abarcar uma multidão de lições em um tempo muito resumido; acham-se entulhados de matérias — fragmentos artificiais de conhecimentos — em cursos elementares: lei-



Grupo Escolar "Bias Fortes" de Januária.  
Sócios do Club Agrícola, trabalhando no jardim que estão fazendo na frente do Grupo.



Grupo Escolar "Bias Fortes" de Januária  
Sócios do Club Agrícola trabalhando nos canteiros.

tura, escrita, ortografia, aritmética, geografia, história, instrução cívica, exercícios físicos, higiene, literatura, trabalho de oficina, uma longa série especializada de trabalhos manuais, tais como a costura, a carpintaria, a cozinha e às vezes pequenas subdivisões de ciência. Em uma escola rural típica, onde dois ou três professores se acham encarregados de seis ou oito anos, esta multiplicidade de assuntos tomados separadamente por cada classe, significa a subdivisão do dia escolar em pequenos segmentos muitas vezes de apenas quinze minutos. Não é de se admirar, pois, que os professores, sob a pressão desses programas fantásticos, deixem de oferecer verdadeira educação em qualquer assunto e que os alunos, forçados a passar rapidamente de uma aula para outra, cheguem a encarar a escola como um lugar para "dar a lição" e não para aprendê-la. Alguém poderá se opôr a esse modo de encarar o assunto, na convicção de que um programa resumido omitiria por força, certos conhecimentos, que educadores mais sábios do que nós haviam incluído no programa escolar e sem os quais a criança não poderá completar as classes elementares. A primeira resposta a esta objeção é que é melhor a criança se aperfeiçoar em poucos assuntos do que fracassar em um grande número de assuntos. A segunda resposta é que se este limitado número de assuntos for ensinado ampla e acuradamente, incluirá maior soma de conhecimentos do que a criança atualmente obtém com as pequenas e múltiplas subdivisões.

A leitura, por exemplo, não pode ser ensinada na ausência de matéria de leitura. A leitura deve incluir nos primeiros seis ou oito anos escolares uma ampla variedade de assuntos históricos e sociais. O ensino da agricultura e da saúde incluem necessariamente elementos de ciência. Os problemas práticos da agricultura e dos trabalhos manuais acarretam inúmeros cálculos que constituem a melhor experiência, pois, na teoria e na prática da matemática.

Outra observação feita frequentemente contra um programa fundamental, por demais simples na escola elementar, é que os alunos devem ser instruídos em uma grande

variedade de lições, no intuito de se prepararem para as exigências da escola secundária e das faculdades superiores. Ainda outra vez oferecemos duas respostas:

Os anos de ensino elementar são mais importantes do que quaisquer outros em todo o curso educativo. Mesmo na América a grande massa de alunos — especialmente no campo — não possui outro ensino, além, exatamente do desses anos elementares. Além disso, a instrução elementar é a base de toda a outra instrução. A não ser que a criança receba cabal preparo nesses primeiros anos, o seu progresso fica tolhido quando passa para a instrução superior. Seria sumamente imprudente sacrificar uma sã aprendizagem do importante curso elementar, devido aos requisitos arbitrários, por grandes que sejam, dos ramos menos importantes dos cursos adiantados.

Todavia, o fato é que a escola secundária não mantém esses requisitos arbitrários. Os únicos requisitos para a obtenção de êxito na escola secundária, são habilidade na utilização dos grandes instrumentos intelectuais de leitura e aritmética e alguma prática nos métodos de empregar esses instrumentos em pesquisar os campos cada vez mais reconditos do conhecimento. Tanto em teoria como na atual prática americana são esses absolutamente os únicos requisitos necessários para matrícula na escola secundária. As matérias iniciadas são de novo estudadas na escola secundária: história, literatura, instrução física, matemática e várias subdivisões científicas. Se a criança tiver adquirido alguma perícia com os seus instrumentos mentais e alguma experiência adequada na utilização desses instrumentos em qualquer assunto de estudo, poderá facilmente se assenhorear das matérias secundárias, em si pouco difíceis. A verdadeira dificuldade está em que frequentemente os alunos possuem apenas uma idéia superficial da grande variedade de pequenos tópicos e não possuem deles nenhum conhecimento real e nenhuma perícia no uso dos instrumentos básicos de leitura e aritmética.

## A ESCOLA E AS FORÇAS SOCIAIS

Na nossa lista de estudos para as escolas rurais não incluímos os estudos sociais, por nos parecer que todo o organismo deve girar exatamente ao redor de uma organização social. E a escola que se compenetrar amplamente de suas funções, especialmente nas regiões rurais, não se descuidará, por certo, de sua missão no relativo à vida social da comunidade. Os nossos esforços, em comum com outros movimentos atuais na reforma educativa, visam em geral, tornar a escola uma vital força social.

No passado, a missão da escola era simples. Os pais no lar davam aos filhos a sua orientação social e ensinavam-lhes as obrigações caseiras, a lavoura, trabalhos manuais, etc. A igreja reforçava esse ensino do lar com solidariedade social e instrução religiosa. Os festejos e as celebrações patrióticas e atividades coletivas ofereciam ensêjo para maior solidariedade e grande variedade de recreação normal. Debaixo de tais condições, na Europa e nos Estados Unidos, em uma época relativamente recente — digamos há um século atrás — a escola era simplesmente um lugar ao qual se enviavam as crianças para adquirir habilidade no uso de um limitado número de conhecimentos, principalmente a leitura, a escrita e a aritmética, por faltar aos pais o tempo ou os conhecimentos necessários para ensiná-los. O motivo de enviar os filhos à escola era claro e patente. Os pais sabiam perfeitamente porque enviavam os filhos à escola e se não aprendiam a ler, a escrever e a contar, os pais aplicavam o estímulo necessário, e aplaudiam os professores pelo êxito obtido. Se um aluno se extraviava do bom caminho de conduta social, a escola não tinha de lutar sozinha com o problema. O lar e a igreja juntavam logo as suas forças em um ataque imediato e direto. Semelhantemente, entre os povos primitivos, ainda hoje as cerimônias de iniciação e instrução dos meninos e das meninas adolescentes são conduzidas por todos os membros da tribo. É verdade que os sacerdotes (equivalentes na nossa sociedade aos professores) têm de desempenhar frequentemente funções

especiais na cerimônia de iniciação e na disciplina dos adolescentes, mas precisam agir diretamente de conformidade com os desejos da tribo e na presença e com a cooperação de todos os homens (ou no caso das meninas, todas as mulheres adultas da tribo).

Assim vemos, pois, que nas sociedades primitivas ou nas eras sociais mais simples da Europa e dos Estados Unidos, o papel da escola era simples e os motivos do ensino constituíam uma responsabilidade direta dos pais e de toda a coletividade. Depois, no mundo ocidental, deram-se rápida e simultaneamente duas cousas. Com a revolução industrial e o rápido progresso do maquinismo e da ciência, a vida tornou-se sumamente complexa. A escola teve que se encarregar do ensino de uma grande variedade de assuntos completamente fóra da capacidade do tempo e acima da competência dos pais, e em muitos casos acima de qualquer compreensão clara da parte da coletividade. Além disso, com o maquinismo destinado a economizar trabalho, não era mais necessário nem permitido o trabalho das crianças, que em consequência disso, iam entrando em números cada vez maiores para as escolas, que por sua vez têm tido de assumir um caráter custodial ao mesmo tempo que uma função educacional. Ao mesmo tempo começou a declinar a influência do lar e da igreja, que hoje mantêm apenas vestígios do seu antigo prestígio e poder social. Dessa forma ficou a escola com uma tarefa estúpida e sempre crescente, e sem o auxílio muito menos qualquer compreensão simpática, das outras, forças sociais. Não é de admirar, pois, que no intuito de enfrentar a sua tarefa hercúlea, os educadores trataram de sujeitar as matérias o mais possível a programas formais de instrução, isso para poderem se certificar de ter coberto ao menos superficialmente a conglomeração de matérias prescritas, de cuja relevância os próprios professores achavam-se apenas vagamente inteirados. Não é de se surpreender que as crianças, destituídas já da direção dos pais ou de qualquer organismo bem aparelhado, comesçassem a encarar a escola como uma instituição artificial ou como uma espécie de jogo de competição — uma es-



pécie de concurso de pergunta e resposta entre professores e alunos.

O problema que nos enfrenta é restituir à escola algo parecido com o motivo direto que a ligava outrora aos propósitos da vida, e fazer com que professores e alunos se compenetrem do fato de que o aprender é de suma importância para a felicidade e a existência de cada criança da comunidade. E ao mesmo tempo a escola precisa se habilitar para assumir as funções de liderança social, de que outras agências, infelizmente, já se desvencilharam. Se nos fosse dado constituir atualmente uma sociedade bem equilibrada, hesitaríamos naturalmente em colocar toda a responsabilidade e iniciativa social em uma só instituição. Mas nos Estados Unidos hoje, para que apelar senão para a escola?

A liderança coletiva assim como a direção educativa torna ainda mais agudo o problema do preparo do professorado. Mais e mais vamos necessitando de pessoas bem capacitadas, convenientemente educadas, para o alto pósto de professor — e isso mais no campo do que na cidade, pois nas regiões rurais há maior escassez de outras agências e outros elementos de orientação. Entretanto, como poderemos esperar que surjam grandes personalidades nas escolas rurais, quando toda a profissão do ensino se acha tão mal paga e tão pouco considerada, e isso especialmente nos cursos elementares que são os alicerces de todo o sistema educacional, e quando a remuneração, tanto monetária como social, é mais baixa nas escolas rurais.

Muito se poderá conseguir com melhor material e aparelhamento escolar. Já que não poderemos esperar transformar de um momento para outro os 1,150,000 professores que constituem atualmente o nosso professorado, podemos melhorar a situação melhorando o material impresso a ser usado diretamente pelos alunos. Se os textos e panfletos impressos tornarem bem claros a história e a utilidade social direta de processos aparentemente artificiais, tais como

a linguagem escrita e o uso do dinheiro, a matemática e a ciência e a organização política, o próprio aluno poderá tomar uma parte cada vez mais importante na sua própria educação.

EDWIN R. EMBREE

### ASSINATURA DA "REVISTA"

|                           |         |
|---------------------------|---------|
| Ano . . . . .             | 24\$000 |
| Semestre . . . . .        | 12\$000 |
| Número avulso, 2\$000     |         |
| Coleção de um ano . . . . | 25\$000 |

*Os pedidos devem ser enviados à Diretoria da "Revista do Ensino", na Secretaria da Educação e Saúde Pública, Belo-Horizonte.*